



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CLÁUDIA LÚCIA PEREIRA GREGO

**A CRIANÇA NO MUSEU: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA
NO CONTEXTO DAS INFÂNCIAS**

Salvador
2022

CLÁUDIA LÚCIA PEREIRA GREGO

**A CRIANÇA NO MUSEU: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA
NO CONTEXTO DAS INFÂNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Samira da Costa Sten

Salvador
2022

CLÁUDIA LÚCIA PEREIRA GREGO

**A CRIANÇA NO MUSEU: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA
NO CONTEXTO DAS INFÂNCIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 28 de junho de 2022.

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Samira da Costa Sten
Orientador: Universidade Federal da
Bahia (UFBA)



Prof^a. Ma. Ana Tereza Carvalho Cerqueira
Instituto Federal da Bahia (IFBA)



Prof^a. Dra. Cilene Nascimento Canda
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido forças e persistência para continuar com minha pesquisa, mesmo passando por uma gravidez na pandemia, mudança de cidade e em seguida a chegada da minha bebê.

Agradeço imensamente a minha filha Dandara por ser a luz dos meus dias e a minha vontade de superar os desafios e batalhar pelos meus objetivos.

Ao meu marido Vanderlei por sempre me apoiar, torcer por mim, e me ajudar em todos os sentidos da minha vida.

Agradeço a minhas amigas que me ajudaram nesta pesquisa. A minha melhor amiga Patrícia pelo apoio e ajuda de sempre.

As professoras que se dispuseram a participar do meu estudo, pois sem elas eu não teria condições de seguir com minha pesquisa.

Agradeço imensamente a minha professora Samira Sten, orientadora maravilhosa que me apoiou e direcionou de forma leve e respeitosa.

Por fim agradeço a minha mãe e irmã por serem meu porto seguro.

Resumo

A presente pesquisa apresenta as instituições museológicas como importantes para o desenvolvimento cultural, artístico, histórico e estético no período das infâncias, partindo deste pressuposto o estudo tem como objetivo geral, compreender como o (a) Pedagogo (a) estimula a apreciação artística na constituição arte-educativa da criança pequena em contato com os museus, entendendo-os como seu espaço de direito. Constituem-se como parte integrante dos objetivos deste estudo, refletir sobre a importância dos museus como espaços de direito da criança pequena, bem como suas contribuições à uma prática pedagógica em diálogo com estímulo à apreciação artística; analisar experiências concretas da prática docente na Educação Infantil e sob que lógicas elas são operadas, assim como identificar o perfil cultural desse profissional da educação, através da sua relação com Arte e Cultura. É um estudo de abordagem qualitativa desenvolvido através de uma pesquisa exploratória que teve como instrumentos de coleta de dados, a realização de entrevistas e aplicação de questionário. Como referencial teórico traz na revisão de literatura autoras como, Carvalho e Lopes (2016), Gabre (2019), Leite (2006), Santos (2017) e Selli (2013) que contribuem significativamente com os temas Criança, Educação e Museu. Também foram eleitos como aporte teórico para fundamentar a pesquisa e as análises dos dados as publicações: "Educação como prática da liberdade" (FREIRE, 1967) e "Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa" (FREIRE, 1996) dialogando com "Pedagogia engajada", no livro: "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade" de Hooks (2013), que apontam reflexões imprescindíveis ao ato de ensinar e aprender. Para contextualizar brevemente a concepção de infância na Europa medieval utilizou-se a referência do autor Ariès (1981), no Brasil colônia, Barbosa e Santos (2017) e em aprofundamento, na intenção de destacar o conceito de crianças e infâncias na atualidade, se fez necessário abordar a concepção desenvolvida por Sarmiento (2004) que as percebem como seres de direito e produtores de cultura, em seguida, o estudo traz a definição da palavra Experiência descrito por Larrosa Bondía (2004). Traça-se o perfil e as práticas docentes das Pedagogas participantes da pesquisa. Os resultados do estudo indicaram a falta de uma formação inicial mais significativa e que se volte ao ensino da importância dos museus na formação de professores, bem como de planejamento docente nas práticas pedagógicas que incluam os museus; falta de uma concepção de infâncias que contemple a definição do autor Sarmiento (2004), apontando também a necessidade dos /as docentes assumirem uma Pedagogia mais engajada; a desvalorização dos professores de arte, principalmente na Educação Infantil por parte das autoridades governamentais e a precarização do ensino público para a Infância.

Palavras-chave: crianças; infâncias; museu; formação pedagógica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3	METODOLOGIA.....	14
3.1	Instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa.....	14
3.2	Participantes da pesquisa e instrumentos de coleta de dados.....	15
4	CRIANÇA E INFÂNCIA.....	18
4.1	Concepção de Criança e Infâncias.....	19
4.2	A Criança no Museu: do estranhamento ao pertencimento cultural.....	24
5	REFLEXÕES IMPRESCINDÍVEIS À PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	26
5.1	Experiências: as subjetividades e singularidades das participantes da pesquisa.....	30
5.2	Identificando o perfil cultural da profissional da Educação Infantil através dasua relação com os Museus.....	31
5.3	Experiências com as crianças: do espaço do Museu à sala de aula.....	36
5.4	A importância das linguagens artísticas na educação infantil.....	47
5.5	A presença e o papel da ludicidade para o trabalho com a educação infantil.....	50
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS	57
	APÊNDICE A - Protocolo de Pesquisa.....	61
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	62
	APÊNDICE C - Termo de consentimento de divulgação de imagem e entrevista.....	63
	APÊNDICE D – Roteiro de entrevista semiestruturada para os professores daEducação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do Município de Salvador/BA.....	65
	APÊNDICE E - Questionário para os professores da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do Município de Salvador/BA.....	67
	APÊNDICE F – Respostas do questionário - Professora 1.....	68
	APÊNDICE G - Transcrição da entrevista - Professora 1.....	69
	APÊNDICE H - Respostas do questionário - Professora 2.....	72
	APÊNDICE I - Transcrição da entrevista - Professora 2.....	73
	APÊNDICE J - Respostas do questionário - Professora 3.....	77
	APÊNDICE K - Transcrição da entrevista - Professora 3.....	79

1 INTRODUÇÃO

Os Museus como espaços de educação não formal se mostram como relevantes fontes de conhecimento para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural da criança pequena. Neste sentido, torna oportuno estimular visitas a essas instituições, a fim de possibilitar o hábito pela apreciação artística desde a infância. Aliar os conhecimentos oportunizados pelas instituições museológicas com as aprendizagens proporcionadas dentro do espaço escolar tornará as crianças mais críticas, reflexivas e conscientes em sua sociedade.

Os educadores como responsáveis pelo desenvolvimento das habilidades psicossociais das crianças no espaço escolar poderão utilizar para a mediação do conhecimento, visitas aos Museus, que podem ser guiadas, ou não, e nesta perspectiva trabalhar com as crianças questões como, reconhecimento histórico, cultural e artístico, assim como, conhecimentos dentro do próprio currículo escolar, tornando neste sentido, as visitas aos Museus importantes aliadas às instituições escolares e aos profissionais da educação.

Nos Museus pode-se estabelecer uma intermediação de conhecimentos e de saberes entre espaço educativo cultural e espaço escolar, ou seja, o (a) educador (a)cultural poderá juntamente com o (a) profissional professor (a) possibilitar formas de aprendizagens.

Os espaços museológicos por se tratar de instituições abertas, muitas vezes possuem um público variado e acessibilidade educativa diversificada, contudo no caso de uma visita guiada a um público específico, o educador cultural deverá adaptar a linguagem educativa em uma mediação cultural, como no caso de uma visita escolar. Como Museóloga formada desde 2011, pós graduada-especializada em Arte-educação: Cultura brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas em 2017 e estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia em 2022, ambas formações e título acadêmico realizados na Universidade Federal da Bahia- UFBA, sempre me envolvi em projetos e pesquisas voltados à temática da Arte-educação nas comunidades populares, como a exemplo, no Programa Conexões de Saberes – UFBA projeto coordenado pelo professor Dr^o. José Henrique de Freitas Santos, onde desenvolvia oficinas artísticas com estudantes de diversas escolas públicas da cidade de Salvador-BA e no 2^a semestre do curso de Pedagogia, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, onde trabalhávamos com as linguagens

artísticas nas escolas de Educação Infantil da cidade de Salvador-BA, sob orientação da professora Dr^a Cilene Nascimento Canda. Em exercício na profissão de Museóloga desenvolvi atividades em museus, onde sempre me mostrei interessada pela importância dos Museus no desenvolvimento psicossocial da criança pequena, na construção da identidade cultural e na relevância desses espaços para tomada de consciência cultural, social, econômica e política da nossa sociedade desde a infância. Desse modo, surge o interesse pelo tema desta pesquisa que emergiu durante experiência como profissional em museus, perante observações constatadas em trabalhos educativos, realizados nas instituições museológicas da cidade de Salvador-BA, nessa experiência, verificou-se a existência, por parte dos educandos, principalmente das crianças pequenas, de certa inibição ao adentrar esses espaços. Isso foi perceptível durante todo o processo da visitação, momento em que os corpos desses visitantes expressavam sensações de desconforto, como se o lugar limitasse o seu acesso.

Para as instituições de cultura, e memória, é interessante manter uma parceria com os educadores em escolas, Organizações não Governamentais (ONGs), orfanatos, etc., com o objetivo de consolidar laços entre as comunidades e os museus, buscando propiciar ao público popular o acesso à cultura e à arte de forma mais democrática, lúdica e acolhedora (SANTOS, 1987).

Aliando essa inquietação desperta em exercício dentro do espaço do museu e a uma curiosidade provocada enquanto estudante de Pedagogia, suscitou o seguinte questionamento: em que medida há por parte do (a) Pedagogo (a), em contexto de Educação Infantil, estímulo a visitas em museus de forma a incluir esses espaços em sua prática pedagógica entendendo-os como importantes para a constituição arte-educativa e um direito da criança pequena?

É oportuno trazer para o contexto escolar, o estímulo a visitas em museus. No entanto, também é relevante saber, como trabalhar, dentro da sala de aula, as aprendizagens experienciadas pelas crianças nessas instituições.

Os (as) educadores ao oportunizar uma vivência cultural, histórica e artística nos museus, torna necessário levar os conhecimentos adquiridos por essas crianças, nessas instituições, para o espaço escolar, assim como vice-versa, pois dessa forma a (o) Pedagogo (a) irá valorizar essas aprendizagens, contextualizando-as dentro de uma intencionalidade pedagógica, e nessa perspectiva a relação Museu e Escola possibilitará uma formação de indivíduos mais conscientes e críticos em sua

sociedade.

Considerando a importância desses espaços para o desenvolvimento estético, histórico, cultural e artístico das crianças o estudo busca compreender como o (a) Pedagogo (a) estimula a apreciação artística na constituição arte-educativa da criança pequena em contato com os museus, entendendo-os como seu espaço de direito.

Como objetivos específicos esta pesquisa visa:

- 1) refletir sobre a importância dos museus como espaços de direito da criança pequena, bem como suas contribuições à uma prática pedagógica em diálogo com estímulo à apreciação artística;
- 2) analisar experiências concretas da prática docente na Educação Infantil e sob que lógicas elas são operadas;
- 3) compreender a partir do o perfil cultural do profissional da educação como se estabelece a relação museus e crianças, através da sua relação com Arte e Cultura.

Sendo assim, a pesquisa está estruturada da seguinte forma: além da introdução e das considerações finais, apresenta no capítulo 2 a revisão de literatura que compreende síntese sobre pesquisas que versam sobre Museus, Educação e Criança; o capítulo 3 apresenta o caminho metodológico da pesquisa que se orientou como um estudo de caso, de natureza qualitativa, tendo como instrumento metodológico aplicação de entrevistas e questionários.

O capítulo 4, apresenta reflexão sobre a concepção de criança e infâncias, compreendida a criança como sujeito de direitos e produtoras de cultura, discute ainda os museus como espaços de educação que podem contribuir para proporcionar o pertencimento cultural das crianças pequenas em sua sociedade.

Em seguida, no item 5, o estudo desenvolve análise a partir das contribuições das obras de Freire (1967, 1996), intituladas "Educação Como Prática da Liberdade" e "Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa" e ainda sobre a obra "Pedagogia Engajada, no livro: "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade" da autora Hooks (2013), apontando diretrizes e reflexões sobre o ato de ensinar e aprender. Em continuidade, na segunda parte do capítulo é apresentada as análises das entrevistas e dos questionários realizados com as participantes da pesquisa. Por fim, o capítulo 6 apresenta contribuições, nas considerações finais, sobre a relação entre o trabalho do pedagogo em espaços museológicos e o direito da criança construir sua relação com o mundo a partir das

experiências obtidas nestes espaços de cultura, arte e memória, e neste sentido oportunizar que no contexto da Educação Infantil se estimule de forma articulada, planejada e com intencionalidade Pedagógica, a presença da criança pequena nesses espaços de educação não formal.

Sobre o termo “não formal” é importante trazer uma relevante discussão, pois embora o educador José Carlos Libâneo em sua publicação “Pedagogia e Pedagogos, para quê?” (2002), entenda que a educação não-formal se refere às organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, etc., com atividades de caráter intencional. E neste sentido classifica-se os museus dentro da nomenclatura “não-formal”, entendendo como formais, somente os espaços de educação sistematizada como as escolas”. O termo “não formal” utilizado para designar os equipamentos de cultura, como os museus, bibliotecas, cinemas, teatros etc. aqui nesta pesquisa vem ser ampliado, pois é perceptível que o prefixo “não” acaba por negar a formalidade que tem esses espaços, principalmente ao pensar os museus, na formalidade que tem esses ambientes em suas regras de visitação, em suas necessidades preservacionistas. Neste sentido, trazer o termo não formal para um espaço de tamanha formalidade acaba por ser contraditório.

É através desse viés que essa pesquisa é apresentada como uma colaboração literária para a formação pedagógica no contexto das infâncias, especificamente para docentes que trabalham com crianças na Educação Infantil, enfatizando a importância do estímulo a apreciação artística, histórica e cultural na constituição arte-educativa da criança em contato com espaços museológicos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

As publicações aqui elencadas foram encontradas através de pesquisas nas plataformas, “SciELO” e “Google acadêmico” e visam contribuir para este estudo. Em uma breve abordagem a respeito dos temas, Museus, Educação, Infância e Criança as pesquisas e literaturas mais recentes apontam para perspectivas colaborativas à proposta desta pesquisa. Autores como Carvalho e Lopes (2016), Gabre (2019), Leite (2006), Santos (2017) e Selli (2013) trazem contribuições significativas possibilitando elucidar alguns conceitos pertinentes ao tema proposto.

Carvalho e Lopes (2016) em artigo intitulado "O Público Infantil nos Museus" ao aliarem uma pesquisa de campo que se consistiu no acompanhamento de visitas realizadas pelo público infantil ao Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, localizado na cidade do Rio de Janeiro, a uma revisão literária de produções voltadas ao tema, trazem uma relevante discussão, acerca das relações entre Cultura, Educação e Infância. As autoras contribuem com um diálogo entre os campos da Educação e da Museologia mostrando a importância de garantir o direito de acesso e ao atendimento de qualidade das crianças pequenas a esses espaços, pois segundo elas, "[...] os museus possuem um enorme potencial no desenvolvimento de momentos lúdicos de aprendizagem para o público infantil, desde que se diminua a lacuna nos estudos teóricos que elucidam as especificidades da infância nesses espaços" (CARVALHO; LOPES, 2016, p. 911). Ao trazer essa abordagem as autoras defendem que:

[...] deparamo-nos com a necessidade de se pensar espaços de inclusão para o público da Educação Infantil que visem ao estímulo de seu desenvolvimento, considerando sua capacidade de observação, cognição e criação em todos os aspectos, inclusive os culturais, que ocorre de modo mais enfático em locais onde acontecem os processos de educação não formal. Nesse sentido, temos os museus como locus privilegiado de educação não formal que podem possibilitar dimensões distintas da experiência humana, como: a cognitiva, afetiva e psicomotora. Contudo, os estudos e as pesquisas que discutem a inserção das crianças nos museus - principalmente na faixa etária de 0 a 6 anos - ainda são escassos, bem como é reduzido o número de museus que oferecem atendimento para esse segmento. (CARVALHO; LOPES, 2016, p. 912).

Neste sentido, a partir das discussões abordadas pelas autoras, torna-se interessante destacar, nesta pesquisa, a necessidade de estimular as crianças de 0 a 6 anos de idade a visitarem os espaços museológicos considerando-os como importantes para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, criativo, etc. A autora Leite

(2006) em publicação "Crianças, velhos e museus: memória e descoberta" contribui significativamente sobre a temática ao trazer que os museus são compreendidos como ambientes de trocas, descobertas, produção de sentido, além de serem espaços de memória, história e de vida. No texto, a autora aponta a importância, dos museus, especificamente os de arte, para o processo de formação da criança como seres sociais, históricos e culturais, assim como são espaços favoráveis à construção de elos que fazem ou podem fazer a partir de suas experiências estéticas com representações culturais de outros tempos-espacos e com pessoas de outras gerações. Sobre essa afirmativa a autora informa:

Se a essência da relação sujeito-obra está no entrecruzamento de tempos- espacos, falar da relação das crianças de hoje com obras de diferentes lugares e culturas, com artistas de épocas variadas, é falar da possibilidade de enriquecer este processo. Neste percurso, imaginar formas de partilha entre crianças e velhos num museu seria um desafio que, certamente, valeria a pena ser enfrentado – estaríamos aumentando, ainda mais, suas interlocuções e fraturando o tempo cronológico. "Na socialização das lembranças, velhos e crianças movimentam-se numa direção onde o importante é a busca de compreensão e o estabelecimento de sentidos" (PARK, 1996, p. 47 apud LEITE, 2006, p. 82).

Selli (2013), no livro "Crianças, museus e formação de público em São Paulo", aborda como arte-educadora e a partir de uma experiência pessoal, como uma pessoa que frequenta museus desde a sua infância, a relação que existe entre os museus e seu público. Por meio de uma pesquisa realizada com crianças, busca saber o que pensam a respeito dos museus e como se relacionam com eles, para, então, refletir sobre o acesso e a formação de público dessa instituição cultural na cidade de São Paulo. Na publicação é perceptível que a autora, também busca entender o papel que o museu assume no imaginário infantil, e quem são os principais responsáveis por intermediar o contato entre as crianças e essas instituições.

Neste trabalho Selli (2013) contribui trazendo o olhar da criança e o que elas pensam ou imaginam sobre esses espacos, como a exemplo, se ao visitarem um Museu, são estimuladas a construção do conhecimento, ou seja, colocando-as como protagonistas e entendendo suas necessidades a partir do que elas mesmas trazem, questionando neste sentido se elas são consultadas e ativas nas ações educativas dos espacos culturais e também mostrando a importância do acesso aos bens culturais por elas.

Santos (2017) em sua dissertação de mestrado, intitulada: "Bebês no museu de arte: processos, relações e descobertas", busca compreender a inclusão de

crianças pequenas, em caso mais específico os bebês, nos museus de arte. Neste trabalho a autora norteia sua pesquisa enfatizando quais as intenções, as estratégias utilizadas nas ações educativas dos museus para garantir a acessibilidade e a interação desses com o acervo, com outras crianças e com os adultos. No decorrer do seu trabalho ela vai fundamentar a sua pesquisa trabalhando dentro da perspectiva da importância dos museus para o desenvolvimento dos bebês, constatando que "[...]o contato com os artefatos, com as experiências coletivas e com as propostas de experimentação sensorial pode ser significativo para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos bebês e para sua inserção na cultura" (SANTOS, 2017, p. 5).

Com esse trabalho a autora mostra a relevância da inclusão das crianças pequenas nos museus e como isso pode trazer novas formas de pensar e democratizar o acesso, assim como ampliar a mediação educativa no espaço dos museus.

No artigo "O Museu de Arte e sua dimensão educativa: em defesa da criança pequena como público", a autora Gabre (2019) faz um recorte da tese "Para habitar o museu com o público infantil: uma proposta de formação colaborativa entre professoras da infância e profissionais do Museu Municipal de Arte de Curitiba" (GABRE, 2016), em sua publicação se propõe refletir sobre a relação da educação museal e a infância, utilizando como método para fundamentar e coletar dados, levantamentos bibliográficos de pesquisas voltadas ao tema e observação de campo. Partindo da ideia da importância da criança pequena nos espaços dos museus e a democratização do acesso à arte, a autora vai trazer a relevância de se conhecer o termo criança e infância e a distinção entre ambos, pois existe uma necessidade de compreensão dos mencionados termos para não correr o risco de generalização e equívocos. O significado de infância deve ser compreendido na sua pluralidade e em transformações constantes, pois segundo a autora:

Da ausência desse entendimento de que a infância é algo construído socialmente e de formas distintas, em cada época e contexto, decorrem os equívocos, e a noção naturalizada de uma universalidade da infância se instaura. Isso pode gerar insegurança, bem como a negação do atendimento a esse público no museu, ou ainda a projeção de uma imagem de criança como aquela construída na modernidade [...]. (GABRE, 2019, p. 156).

Neste sentido Sarmiento (2013 apud GABRE, 2019) mostra a concepção de criança criada na modernidade ao informar que eram tidas como incompetentes, obedientes aos mais velhos, incapazes de produzir cultura, objeto de cuidado,

reprodutora cultural, passiva, etc.

A partir do levantamento literário aqui apresentado, é notório considerar a discussão sobre a importância dos profissionais educadores, seja no âmbito da educação não-formal, como formal, a estimularem visitas nesses espaços se propondo a tornar o museu democrático e dando acessibilidade às crianças pequenas, em específico ao público que se compreende dos 0 aos 06 anos, visto que as instituições museológicas são necessárias para o desenvolvimento psicomotor, criativo, estético, emocional artístico, histórico e cultural no período da infância.

Através dos conceitos e possibilidades apontadas pelos autores, é dado significado às práticas vivenciadas nos cotidianos dos diferentes espaços museológicos. Demais avanços nas discussões e pesquisas a respeito do assunto tornam-se pertinentes, pois pretendem contribuir com uma visão crítica sobre a democratização e a presença da criança pequena no espaço do Museu e a importância de escutar e entender as necessidades delas para tornar proveitosa as vivências obtidas pelas crianças nos museus.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os caminhos metodológicos da pesquisa, explicando os instrumentos utilizados e demonstrando como foram obtidos os dados que emergiram durante a aplicação do questionário e das entrevistas, o capítulo também propõe apresentar os/as sujeitos/as da pesquisa em questão. Diante desta proposta, o capítulo será dividido em duas seções, sendo a primeira voltada a demonstrar e explicar os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa e a segunda a apresentar as participantes da pesquisa, bem como a expor os recursos utilizados para coleta de dados e de que forma foram elaborados e aplicados.

3.1 Instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa

Do ponto de vista metodológico, essa é um estudo de abordagem qualitativa, e neste sentido preza pela qualidade das informações, constitui-se como pesquisa exploratória. Como a pesquisa apresenta conceitos, definições, reflexões e análises acerca da importância dos/as Pedagogos/as estimularem visitas aos museus desde a infância foi necessário realizar uma pesquisa documental, bibliográfica e análise descritiva das referências.

Entende-se que uma pesquisa exploratória é uma estratégia de pesquisa sobre um dado assunto específico e representativo, que tem como objetivo obter uma maior familiaridade entre o pesquisador (a) e o objeto que está sendo pesquisado, neste sentido o (a) pesquisador em proximidade com o objeto da pesquisa oferece informações e orienta a formulação de hipóteses. Segundo Gil (2002), uma pesquisa exploratória, tem uma relação bem próxima com o problema da pesquisa e mesmo que o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, acaba por assumir uma forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso. Sobre a pesquisa exploratória o autor informa a seguir:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão"(Selltiz et ai., 1967, p. 63 apud GIL, 2002, p.

41).

Partindo desta perspectiva, a pesquisa exploratória, em questão, diz respeito a compreender como o (a) Pedagogo (a) estimula e desenvolve a apreciação artística, na constituição arte-educativa da criança em contato com espaços museológicos. Para tal objetivo foi necessário analisar experiências concretas da prática docente.

3.2 Participantes da pesquisa e instrumentos de coleta de dados

Com a intencionalidade de trazer as experiências reais da prática docente de professoras da Educação Infantil, entendidas como constituintes desta pesquisa, foram utilizados os seguintes recursos durante o processo de coleta de dados, a saber: aplicação de questionário e entrevista semiestruturada.

Os instrumentos utilizados visam uma melhor interação com as participantes da pesquisa, bem como garantir informações mais seguras e precisas das experiências, tanto da prática docente das profissionais em investigação como da sua relação com os Museus.

Com o propósito de traçar e identificar o perfil cultural e artístico das professoras, foi desenvolvido um questionário.

Sobre questionário para pesquisa, Severino (2013) explica que se trata de um conjunto de questões sistematicamente articuladas para o levantamento de informações de forma escrita dos sujeitos pesquisados. São utilizados para conhecer, perceber as opiniões sobre a temática estudada. Partindo das informações do autor mencionado, considera-se importante que o questionário siga os direcionamentos a seguir:

As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões fechadas ou questões abertas. No primeiro caso, as respostas serão escolhidas dentre as opções predefinidas pelo pesquisador; no segundo, o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal. De modo geral, o questionário deve ser previamente testado (pré-teste), mediante sua aplicação a um grupo pequeno, antes de sua aplicação ao conjunto dos sujeitos a que se destina, o que permite ao pesquisador avaliar e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo. (SEVERINO, 2013, p. 110).

Partindo da referência mencionada, o questionário foi criado e aplicado com

uma quantidade de 5 perguntas para professoras da rede pública e privada de ensino que lecionam na Educação Infantil de Salvador (BA), sendo que uma das profissionais atuou também como Coordenadora Pedagógica. O questionário foi aplicado através do "Google Forms", e enviado para o e-mail de cada profissional.

Para a entrevista semiestruturada formulou-se de dez perguntas sobre a temática Museu e Educação Infantil com questões direcionadas no intuito de saber se as professoras propõem em seu planejamento pedagógico visitas a museus? Se costumam em suas turmas, estimular visitas a museus? Se o fazem, e se não o fazem, o porquê? Apontando quais as dificuldades encontradas para que isso ocorra. E se realizam essas visitas, como trabalham essas experiências em sala de aula com crianças?

Na intencionalidade de melhor levantar os dados sobre os temas abordados para o desenvolvimento da pesquisa. A organização e estrutura da entrevista seguiu os pontos chave estabelecidos pelo autor abaixo:

ENTREVISTAS ESTRUTURADAS: aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais. (SEVERINO, 2013, p. 109-110, grifo do autor).

Para tal proposta foram realizadas três entrevistas, *a priori* seriam realizadas por intermédio do "Google Meet", onde seria enviado para cada uma das professoras, no dia agendado, o link da reunião. A intenção era que as entrevistas fossem gravadas com som e imagem, mas devido a rotina, afazeres pessoais e profissionais de cada uma, as entrevistas acabaram por acontecer através de áudio por "WhatsApp". Essa foi a alternativa encontrada para que as entrevistas como parte integrante da pesquisa acontecessem.

As professoras receberam previamente documento explicando a proposta e objetivo da pesquisa, bem como as questões levantadas em questionário, perguntas da entrevista e o protocolo de autorização de divulgação das respostas em ambos instrumentos de coleta de dados.

Baseando-se no resultado das respostas em questionário e perguntas introdutórias na entrevista, foi traçado o perfil profissional e cultural das participantes da pesquisa, bem como analisadas as práticas pedagógicas existentes que estimulam visitas a museus e apreciação artística para o desenvolvimento da criança.

Informações que foram relevantes e embasaram com relatos reais sobre a prática docente na pesquisa.

4 CRIANÇA E INFÂNCIA

Ao discutir a concepção social e histórica de Infância é necessário entender a origem etimológica dos termos: criança e infância, pois as palavras são carregadas de significados que sendo positivos ou negativos, podem no decorrer do tempo, se modificar e ressignificar dependendo do contexto social e histórico em que é utilizado. Corroborando com Borba, Lopes e Vasconcelos (2020, p. 3): "[...] as palavras se fazem, se constroem, se transformam, na cultura e na história [...]".

A palavra Infância tem em sua origem etimológica o seguinte significado:

[...] é proveniente do latim *infantia*: do verbo *fari*, falar – especificamente, de seu participio presente *fan*, falante – e de sua negação *in*. O *infans* é aquele que, como diz Gagnebin, 199, p.87, ainda não adquiriu “o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada”. O prefixo *in* da palavra *infância* sugere ainda algo da ordem do não exprimível, do não tratável discursivamente; mais do que uma ausência, é uma condição dessa linguagem e desse discurso, é o germe do pensamento que ainda não se encontra pronto nem acabado, que ainda não se pode expressar ou comunicar em termos lógicos, linguísticos ou pragmáticos. (PAGNI, 2010, p. 100).

A palavra *criança*, que muitas vezes é utilizada como sinônimo de *infância* tem o significado no Dicionário Houaiss (CRIANÇA, 2001, p. 868): “derivado vernacular *criar* + *-ança* 'indivíduo na infância, filho', embora haja quem o relacione com lat. *creantia* 'criação'; [...] formas históricas sXIII *criança* 'criação', sXIV *criança* 'ser humano', sXIV *criança* 'cria', sXV *criança* 'ser humano'”.

Desta forma percebe-se que em suas origens etimológicas as palavras *infância* e *criança* carregam significados interligados entre si. Ao mencionar “indivíduo na infância” o Dicionário Houaiss (CRIANÇA, 2001, p. 868) permite uma compreensão de que ser *criança* é uma condição da *infância*. A expressão também pode ser relacionada, entendida como “*cria*”, “*criação*”, ou seja, “*cria*” do ser humano na fase da *infância* que quer dizer aquele sem linguagem que não verbaliza algo e que não desenvolveu a fala. Percebe-se aqui que o surgimento da compreensão de *infância* e de *criança*, está inicialmente atrelado a um ser que não tem pensamento, colocando-a em um lugar menor, perspectiva histórica das concepções de *infância* que perdurou por muitos séculos.

Pensar a *Infância* somente no sentido etimológico da palavra é não validar as transformações sociais e culturais que podem ter uma palavra ao longo do tempo, o termo *infância* na atualidade é ressignificado, pois hoje se pensa em *infâncias*, incluindo a pluralidade, a diversidade sociocultural vivenciada pela *criança*. Hoje a

criança é entendida como sujeito de direito, capaz de produzir conhecimento, cultura, indivíduos pensantes que sente, se expressam e contribui para a sua sociedade (GABRE, 2019).

Isso posto, é relevante trazer os documentos oficiais do final do século XX, onde é perceptível a infância como um lugar de direitos. Na legislação, como a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB) e similares, não trazem uma definição explícita do que seja infância, mas asseguram os direitos da criança em sua plenitude, este fato, em si, aponta que a criança passou a ter um espaço próprio na sociedade para o exercício de seus direitos, sendo esse lugar a infância (BRASIL, 1988, 1990, 1996). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, por exemplo, declara que:

Art. 3º: A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990).

Em completude aos aparatos legais citados acima, que colocam a criança pertencente à infância como seu lugar por direito, surge à sociologia da infância, que coloca a criança como um ator social e histórico, pertencente a uma categoria geracional permanente próprio: a infância, sendo ela produtora de cultura. Segundo Sarmiento (2000):

[...] a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real (SARMENTO, 2000, p. 156).

Nesta perspectiva se torna oportuno resgatar as concepções de criança e infância ao longo do tempo, na intencionalidade de mostrar as transformações do entendimento dos termos até a concepção de infância em tempos atuais.

4.1 Concepção de Criança e Infâncias

Para além da origem etimológica da palavra que como mencionado, já carrega significados sobre a concepção de infância e criança, também é relevante trazer no

aprofundamento desta discussão, uma breve contextualização histórica sobre como era entendida a criança e a infância.

Ariès (1981) no livro "História Social da Criança e da Família" analisando elementos da cultura material que representava os camponeses e a aristocracia europeia, como a exemplo, as pinturas realizadas no período da Idade Média, explica que a sociedade tradicional, via mal a criança e ao adolescente. Para o autor, a infância era entendida como o período mais frágil dos indivíduos e ocorria até quando a criança era muito pequena e não conseguia bastar-se (ARIÈS, 1981).

Segundo o autor, a criança precocemente era tida como um adulto e partilhava dos seus trabalhos e jogos, como afirma a seguir: "De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez, fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje" (ARIÈS, 1981, p. 10).

Ariès (1981) também informa que nesta mesma época a socialização, os conhecimentos, a transmissão de valores da criança não eram controlados pela família, e a educação era garantida pela aprendizagem da criança convivendo com adultos. "A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-la" (ARIÈS, 1981, p. 10).

Um ponto interessante que o autor aborda é sobre a passagem da criança pela família e pela sociedade, que era imperceptível, insignificante, pois acontecia em muito pouco tempo, justamente para que não desenvolvessem memória e vínculos com elas, também a expectativa de vida das crianças nessa época era muito baixa, e acontecia como uma perda eventual (ARIÈS, 1981).

Neste contexto, informa que o único sentimento superficial que existia, era o que ele chama de "paparicação", que era destinado à criança pequena logo que nasciam. Como explica abaixo:

Contudo, um sentimento superficial da criança a que chamei "paparicação" - era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chega a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÈS, 1981, p. 10).

Outro fato curioso era que a arte medieval representava a criança como um homem em miniatura, um anão, pois as entendia como diferentes dos indivíduos adultos, apenas no tamanho e na força (ARIÈS, 1981).

Sobre o infanticídio, argumenta que acontecia até o fim do século XVII, o que ele explica ser "infanticídio tolerado", onde apesar de ser um crime severamente punido, era praticado em segredo, camuflado em forma de acidentes, como a exemplo, asfixia. Sobre isso o autor informa: "[...] as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se faziam nada para conservá-las ou para salvá-las" (ARIÈS, 1981, p. 17). No século XVIII a mortalidade infantil diminuiu, pois as pessoas pararam de ajudar, ou deixar morrer as crianças.

Partindo das informações apontadas por Ariès percebe-se que a ideia do significado de infância discutida em sua origem etimológica, também se configurou na vida social, onde eram percebidas como adultos em miniatura. O fato é que não existia infância, ou a mesma era vivenciada de forma a mostrar o seu significado como já descrito, ao conceber as crianças na fase da infância, como indivíduos sem fala, mas aqui no sentido de serem negligenciados, sem voz e escolha.

No Brasil é possível perceber esse mesmo tipo de entendimento sobre a criança e a infância, na perspectiva das crianças brancas. No contexto colonial, se percebia diferentes formas de ser criança, a exemplo, as crianças brancas, negras e indígenas que eram de etnias e classes sociais diferentes. As crianças brancas ficavam sob os cuidados das amas de leite e das mães até os 7 anos quando seguiam para a escola e só saíam ao concluir os estudos com um diploma de doutor, geralmente advogado, já as meninas também eram direcionadas às escolas aos 7 anos, mas neste caso eram instituições preparatórias para torná-las mulheres prendadas, donas de casa (BARBOSA; SANTOS, 2017).

As crianças negras na condição de escravizadas eram muito poucas e aos 14 anos já eram enviadas ao trabalho escravo e lá eram tratadas como adultos. As poucas crianças negras que chegavam à fase adulta serviam de brinquedos para as crianças brancas. Como eram submetidas a uma situação degradante e humilhante, sendo torturadas, muitas se suicidavam. Utilizando de argumentos de Altman (2013 apud BARBOSA; SANTOS, 2017) sobre a situação das crianças negras nesta época, os autores apontam, a seguir:

Ao crescer, o menino branco recebe como companheiro de brincadeiras um curumim indígena e depois um muleque negro que para tudo serve: de amigos, de cavalo de montaria, de burro de liteira, de carro de cavalo em que um barbante serve de rédea e um galho de goiabeira, de chicote. Eram os "manés-gostosos", os leva pancadas. (ALTMAN, 2013, p. 243 apud BARBOSA; SANTOS, 2017, p. 251).

As crianças indígenas tidas como "selvagens" eram preparadas e educadas

pelos Jesuítas para se tornarem aptas para o trabalho. Já as crianças brancas "enfeitadas" que eram geralmente "fruto" de relacionamentos extraconjugais e de pessoas pobres, eram jogadas à própria sorte. Porém com o surgimento da Roda dos Expostos eram deixadas para serem cuidadas pelas Santas Casas de Misericórdia como afirma os autores:

Ainda segundo o autor, na tentativa de conter o elevado índice de abandono infantil, no século XVIII, o governo instala a Roda dos Expostos, um local onde as pessoas "depositavam" os "enfeitados" para serem "cuidados" pelas Santas Casas de Misericórdia. Ainda assim, a mortalidade era alta. As crianças do sexo masculino que conseguiam sobreviver, em torno dos 7-12 anos, eram encaminhadas para o trabalho, seja como aprendizes de ofícios, seja como grumetes. As crianças do sexo feminino eram encaminhadas para instituições próprias para órfãs, onde aprendiam prendas domésticas. (SANTOS, 2007 apud BARBOSA; SANTOS, 2017, p. 251).

No caso do Brasil colônia é permitido uma percepção mais impactante da diferença que existia entre as classes sociais e grupos étnicos, visto que no período da colonização existiu a escravização de seres humanos e neste sentido é possível perceber e destacar a situação de submissão, humilhação e degradação humana das crianças negras, bem como das indígenas. Já as crianças brancas pobres eram abandonadas, contudo quando tinham a sorte de serem cuidadas pelas Santas Casas de Misericórdia, ainda podiam aprender um ofício, mas mesmo assim eram introduzidas ao trabalho desde muito cedo, sendo exploradas.

No período da República, começa a surgir uma preocupação com a criança abandonada e evidencia-se a ideia de que é preciso educá-las para que não se transformem em delinquentes, para esse combate foram criadas políticas públicas sociais, como as políticas de internação, onde se disseminavam o medo, e as crianças eram tratadas com rotinas rígidas para discipliná-las (BARBOSA; SANTOS, 2017).

Isso perdurou até a concepção moderna de infância, onde se dissemina e persiste a ideia de que as crianças são consideradas seres que necessitam ser instruídos e socializados pelos adultos. Corroborando com a reflexão de Sarmento (2013, p. 37 apud GABRE, 2019, p. 156) se confirma essa reflexão:

[...] incompetente, totalmente desapossada do poder, abrigada à submissão e obediente aos mais velhos, incapaz de produção cultural autônoma, reprodutora cultural em processo de aprendizagem, objeto do cuidado e da proteção de quem exerce o poder paternal, personagem ausente ou passiva dos lugares da decisão coletiva [...].

No entanto, já no início do século XX leis e políticas públicas foram criadas para fornecer assistência e educar as crianças, aqui entendidas como menores. Como a exemplo,

[...] Código de Menores de 1927, Serviço Social de Menores Abandonados e Delinquentes (1938), Serviço de Assistência a Menores (1941), Recolhimento Provisório de Menores (1954), Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (1964), Código de Menores de 1979 e, finalmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. (PASSETTI, 2013 apud BARBOSA; SANTOS, 2017, p. 253).

No final do século XX, depois de diversas lutas de movimentos sociais das mulheres, crianças e trabalhadores, a concepção de infância é transformada e passa a ser entendida como sujeito de direitos (BARBOSA; SANTOS, 2017).

Contudo, em dias atuais, as crianças vivem em contextos sociais, culturais e étnicos, diferentes como a exemplo no Brasil, onde se percebe uma forte desigualdade social. Entende-se que uma grande parte das crianças pequenas brasileiras vivenciam uma realidade que as conduz a condições precárias de vida e trabalho infantil sendo exploradas de diversas formas pelos adultos, mas também existem crianças que são protegidas e vivem com segurança, acesso à educação, saúde, ou seja, todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento.

Partindo desta reflexão, vale ressaltar que existem infâncias, pois ela varia de acordo com o contexto ao qual está inserida. De acordo com Prestes (2008, p. 20):

A infância, além de nomear um período de vida do homem, deve ser entendida em diferentes aspectos. A criança não está estaticamente inserida nela. Há diferenças políticas, econômicas, sociais e culturais que corroboram para diferentes conceitos de infância de acordo com o espaço e o tempo que ela ocupa. É necessário considerar o contexto e as referências ao entorno da infância para uma aproximação do conceito, pois está articulada a época, classe social e raça.

Não entender essa concepção de criança e infância como seres plurais e com vivências diferenciadas, é pensar a criança como seres submissos e incapazes de produzir cultura.

Neste sentido, é importante que os educadores, seja nas instituições escolares, como nos espaços de educação não formal, como os museus, entendam a infância a partir dessa concepção atual, pois não ter esse tipo de conhecimento faz com que muitos educadores continuem a perpetuar uma visão moderna de infância e neste sentido acabam por não respeitar as diferenças e a pluralidade, bem como a não entendê-las como indivíduos sociais e de direitos, reproduzindo uma visão adultocêntrica e colocando-as na posição de passivas, submissas e incapazes.

Hoje, a visão de criança e infância que se tem, e que se procura desenvolver, nas diferentes esferas da sociedade, é a de um ser social capaz de construir conhecimento, com cultura própria, como nos alertam Sarmiento (2004) e Dahlberg, Moss e Pence (2003) e também tantos outros pesquisadores. Eles afirmam que a criança existe para além do contexto familiar e se relaciona ativamente na sociedade onde está inserida. Por isso, é fundamental

compreendê-la como cidadã e, como tal, possuidora de direitos e de cultura própria, que precisam ser respeitados. Todavia, a efetivação do direito da criança pequena em visitar museus e espaços culturais significa mais do que aceitá-la, haja vista ser necessário saber se as estratégias desenvolvidas com as crianças pequenas levam em consideração as suas especificidades. (GABRE, 2019, p. 156).

As crianças são seres históricos e de direitos que, ao interagirem socialmente constroem sua identidade pessoal e coletiva. As crianças brincam, criam, imaginam, experimentam, ensinam e aprendem, observam e questionam.

As crianças produzem e aprendem cultura nos centros culturais e de educação. Nos museus, como espaços democráticos ao conhecimento, as atividades desenvolvidas para o recebimento e acolhimento devem ser voltadas ao entendimento de que são espaços de direito e importantes para o desenvolvimento psicossocial da criança, devido a isso também se torna oportuno evidenciar a necessidade dos educadores nas instituições escolares, de estimularem as visitas e a ocupação das crianças nesses ambientes culturais.

4.2 A Criança no Museu: do estranhamento ao pertencimento cultural

O acesso à cultura e à educação é um dos elementos bases para o desenvolvimento da criança. E diante dessa questão é interessante pensar sobre os museus, como centros culturais de educação não formal que funcionam de forma a atingir os diferenciados públicos, fornecendo o acesso à cultura em seus variados contextos.

Segundo o capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), ressalta o direito que tem a criança e ao adolescente ao acesso à "Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer". Percebe-se a importância que deve ser dada aos centros educacionais para o desenvolvimento da criança. E nesse contexto mencionam-se os museus, instituições que também atuam como veículos de acesso à cultura, educação e até mesmo ao lazer.

A criança em desenvolvimento necessita determinados recursos para o seu aprimoramento intelectual e sua motricidade. E nessa perspectiva estimular o conhecimento, as artes; ciências; tecnologias; e a sua cultura em geral, bem como outras diferentes formas culturais existentes, influencia positivamente o desenvolvimento cognitivo, da sua personalidade e sociabilidade.

O incentivo da criança a realizar visitas a museus e centros culturais é uma

forma de possibilitar o acesso ao que é produzido culturalmente na sua e em outras sociedades, proporcionando o contato com novas características culturais e fontes de conhecimento, pois a busca do novo e do diferente além de proporcionar o desenvolvimento infantil, também favorece a aceitação, e o respeito às diferenças, questionando e entendendo sua cultura e sociedade.

Ao se deparar com o novo e com as alteridades socioculturais do outro, a criança passa por um processo de estranhamento, que ao mesmo tempo em que provoca espanto também exerce novas influências, pois é no contato com o desconhecido que formas de conhecimento são introduzidas ao seu universo.

O estranhamento acontece como uma forma de autoproteção ao que não se conhece é um processo psíquico, refletido no corpo como um mecanismo de defesa que desperta a curiosidade e o questionamento sobre o que se afasta do seu convívio social.

A estranheza é uma forma de conhecer e conceber o novo, é algo que faz parte do processo evolutivo do ser humano. Nesta expectativa, o estranhamento saudável é algo comum ao indivíduo, é o desvendar o desconhecido, é explorar, interrogar, e aceitar novos desafios.

A curiosidade na infância leva ao ser em formação, a investigar um mundo diferente, e a sua imaginação e sensibilidade proporcionam uma diversificada forma de adquirir e absorver o que lhe é apresentado. Ao questionar o meio em que vive a criança não aceita respostas monossilábicas sobre as coisas, elas precisam entender o sentido e a essência de tudo que lhe é novo.

Estimular o questionamento, a experimentação e o acesso à novidade são importantes para a criança que já possui em seu desenvolvimento a necessidade de se entregar ao novo, na busca de entender a diferença, testando em suas relações sociais os limites impostos pelos adultos, rompendo regras, interrogando, criando, descobrindo, evoluindo, definindo e ressignificando a sua identidade cultural.

5 REFLEXÕES IMPRESCINDÍVEIS À PRÁTICA PEDAGÓGICA

É sabido que o ato de ensinar exige: exercício da escuta, pesquisa, pensamento crítico, reflexão da prática, comprometimento, responsabilidade e principalmente, amor, ética e respeito (FREIRE, 1996). A prática docente em uma educação crítica e reflexiva é algo que requer por parte do educador, o esforço de constantemente refletir e autoavaliar sua prática no objetivo de renovar suas propostas educativas e neste sentido o educando como também participante do seu processo de ensino e aprendizagem tem um papel fundamental. Desde sua formação docente, os professores precisam entender que o processo da construção do conhecimento, ocorre através de suas interações com seus alunos, sujeitos históricos, sociais e culturais.

É importante destacar que um professor também aprende ao ensinar, não sendo o único detentor do conhecimento. Neste contexto é necessário que o professor perceba que o processo de ensino e aprendizagem depende da interação docente e discente e para se obter uma boa prática educativa na perspectiva crítica, é preciso respeitar alguns pontos discutidos por Freire (1996) em livro intitulado: "Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa", em que o autor traz reflexões imprescindíveis à uma prática educativa que seja, democrática, crítica e progressista.

Ao se pensar em uma prática docente, em que o educador também é sujeito da aprendizagem, ou seja, que aprende ao ensinar, o autor considera importante argumentar que: "Não há docência sem discência" e ambas se completam e complementam entre si, pois ensinar não existe sem aprender, assim como vice-versa. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1996, p. 12).

Ao assinalar pontos chaves para uma prática educativa democrática, aborda caminhos a serem seguidos, como a exemplo, o docente desde sua experiência formadora precisa compreender que: "[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 12, grifo do autor). Neste sentido, mostra que a formação do educador deve ser permanente e que ensinar não é transferir conhecimentos, como em uma educação bancária, na qual só se deposita conhecimentos.

Para o autor também é importante estimular o pensamento crítico dos educandos, pois um educador democrático tem o dever de, na sua prática docente,

reforçar e estimular a capacidade crítica do educando, bem como a sua curiosidade e a sua insubmissão.

No decorrer do livro, Freire (1996) discorre que um educador precisa constantemente, pesquisar, buscar, indagar para entender o novo e anunciar essas novidades; um docente também deve ser crítico diante da sua realidade, assim como deve respeitar os conhecimentos prévios dos educandos e adequar, esses saberes já existentes em seu planejamento pedagógico, visto que a aprendizagem deve ser mediada de forma a considerar a realidade social dos educandos e isso se torna importante no sentido de que os mesmos precisam perceber o sentido da aprendizagem sobre algo, ou alguma coisa.

Outro ponto chave a ser considerado, é que, em uma prática docente, se torna necessário realizar constantemente a reflexão crítica do seu discurso teórico e da sua prática, pois é ao se pensar criticamente a prática diária que se pode mudar, transformar positivamente as práticas futuras.

O docente que almeja uma educação democrática deve estar disposto às constantes indagações, à curiosidade, às inibições dos educandos. Este é o objetivo de ensinar, é construir e permitir possibilidades para a construção do conhecimento é impulsionar que sejam críticos, é inquirir a fim de que busquem respostas e reflitam questões.

Neste sentido, é importante que o educador como responsável pela formação dos seus educandos respeite a autonomia e a identidade deles e delas buscando instigar sua curiosidade, sua inquietude e entender seu gosto estético. O professor que se preocupa com a experiência formadora do aluno, não o limita, não oprime a sua liberdade, a sua inquietude e a sua curiosidade em aprender (FREIRE, 1996).

Em publicação intitulada: "Educação Como Prática da Liberdade", Freire (1967) discute os problemas econômicos, sociais e políticos no Brasil na década de 60 que ainda carregando as heranças históricas do período da colonização, tem como consequência uma formação de sujeitos inferiorizados, submissos, acomodados e coisificados, como afirma o autor:

Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória, à base da exploração econômica do grande domínio, em que o "poder do senhor" se alongava "das terras às gentes também" e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível, característica do clima cultural democrático, no homem brasileiro. (FREIRE, 1967, p. 66).

Algo que ainda persiste até tempos atuais, e partindo desta premissa as reflexões contextualizadas na publicação mencionada se faz relevante, para se pensar sobre uma necessidade de uma prática pedagógica que se volte à uma educação para a liberdade dos indivíduos.

Segundo Freire (1967), a educação nesse período era uma tarefa altamente importante, pois através de uma educação crítica baseada no diálogo e voltada para a responsabilidade social e política, os indivíduos poderiam sair do lugar de coisificação e partir para uma posição de humanização, ou seja, poderiam se educar como sujeitos históricos.

O autor afirma que a educação precisa ser teórica, ou seja, ter fundamentação, comprovação, pesquisa e comunicação, com vistas a desenvolver no estudante o gosto pela pesquisa e contestação, e isso também acontecia com os educadores que não tinham criticidade alguma e discutiam superficialmente os assuntos. Para o autor:

[...] a contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua sociedade em “partejamento”, ao lado dos economistas, dos sociólogos, como de todos os especialistas voltados para a melhoria dos seus padrões, haveria de ser a de uma educação crítica e criticizadora. De uma educação que tentasse a passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica [...]. (FREIRE, 1967, p. 85-86).

Dentro de uma perspectiva de educação crítica, em que os indivíduos fossem capazes de refletir e mudar a sua posição de submissão, de inferioridade, uma educação que proporcionasse uma visão e compreensão de mundo, uma conscientização de classe e capacidade de reverter sua condição social, corroborando com essa assertiva explica Freire:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos. (FREIRE, 1967, p. 90).

Dentro desta mesma perspectiva se faz necessário trazer os argumentos de Hooks (2013) no livro: "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade", onde a autora ao utilizar argumentos do educador Paulo Freire, aponta a necessidade de uma prática pedagógica política, transgressora e voltada a um lugar de resistência. A autora enfatiza o surgimento de uma educação para a liberdade, crítica e que decolonialize pensamentos.

No primeiro capítulo do livro intitulado "Pedagogia engajada", Hooks (2013) traz algumas provocações apontando uma prática pedagógica que seja transformadora e libertadora. Que os docentes possam ter uma prática educativa que sirva para libertar os indivíduos das amarras da opressão e que tencione um sistema desigual e caracterizado pelo privilégio. Como aponta Hooks em sua publicação:

Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de "conscientização" em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamento críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos". [...] A obra de Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma planta em que todos temos de trabalhar. (HOOKS, 2013, p. 26).

Partindo das ideias supracitadas sobre uma educação para a liberdade e que respeite os saberes dos educandos colocando-os como participantes na construção do conhecimento e sobre a importância dos indivíduos se situar no mundo onde vivem, entendendo seu contexto histórico, político, social, cultural e econômico, pois como menciona Freire (1967), só assim poderão reverter a sua condição de submissos se tornando mais críticos, reflexivos e conscientes em sua sociedade.

Neste sentido também é relevante apontar a visão de Sarmiento (2004) na perspectiva da Sociologia da Criança, ao se pensar que, as crianças também são produtoras de culturas e, neste contexto, também precisam reconhecer e entender-se como participantes de sua sociedade, pois são seres humanos sociais e históricos na fase da infância, capazes de produzir cultura, conhecimento crítico e reflexivo, e, portanto, assumirem uma identidade cultural e se tornando-se parte essencial em sua sociedade.

Com esse propósito é importante pensar nos Museus, espaços de educação que podem e devem ser utilizados pelos docentes para proporcionar o conhecimento do passado e conseqüentemente entender o presente, pois é de fundamental importância refletir sobre os museus como espaço de contemplação, criação e fruição estética, mas também como centros de memória, perpetuadores da cultura e da história, capazes de reconstruir histórias e de situar indivíduos em sua sociedade.

5.1 Experiências: as subjetividades e singularidades das participantes da pesquisa

O autor Larrosa Bondía (2002) em texto intitulado, “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” aponta o significado da palavra “experiência”. “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 25).

Para o autor a “experiência” é algo que nos acontece e nos toca. Diante dessa afirmativa pode-se então considerar a experiência como algo que não é passageiro e superficial, como aponta o próprio autor: “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21).

Para que se possa de fato, se sentir tocado e dizer que aconteceu uma “experiência” é importante parar para escutar, pensar, sentir, analisar minuciosamente os detalhes, aprender, abster-se do juízo da vontade e etc. Larrosa Bondía informa o seguinte sobre essa reflexão:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Segundo pensamento do autor entende-se que a experiência é subjetiva e singular, não é a mesma para pessoas diferentes, pois para cada indivíduo em particular, uma situação e, ou acontecimento pode proporcionar significados, sensações diferentes, pois o processo de sentir-se tocado, de experiência em si depende de toda a construção social do indivíduo.

Partindo da explanação, elegeu-se o termo “Experiências” para essa pesquisa, na intenção de trazer as diferentes subjetividades, singularidades, as diferenciadas experiências que mostram tanto o contexto social como individual de cada profissional que participou da pesquisa.

5.2 Identificando o perfil cultural da profissional da Educação Infantil através da sua relação com os Museus

[...] Pra muitos educadores e muitas pessoas no Brasil que não tem esse incentivo à cultura, visitar museus não é uma coisa importante, então estou falando da minha bagagem pessoal, né? Eu desde criança frequento espaços artísticos, frequento museus, minhas irmãs me levavam, eu tive a oportunidade de estudar numa escola na qual a gente ia pra museus e também pra espetáculos teatrais, isso me encantava, isso me encantava. [...] E eu conheci museus na Espanha, na França então eu sou uma pessoa que tem um repertório, né? Um capital cultural assim, e por isso que eu sei o quanto né? É importante trabalhar isso desde criança o quanto é importante fazer com as criancinhas, né? Com as criancinhas de educação infantil que entrem em contato com as linguagens artísticas, elas entendam que o museu é um espaço importante. (informação verbal)¹.

Partindo desta reflexão da professora 3, em uma de suas respostas na entrevista, é perceptível compreender tanto a importância dos (as) professores estimularem visitas ao Museu desde o período da infância, como também é relevante que os/as educadores sejam frequentadores desses espaços.

Através das reflexões citadas pela professora 3 foi possível perceber sua relação com Arte e Cultura, pois a educadora sempre teve em seu desenvolvimento pessoal e consequentemente profissional, o incentivo a frequentar museus desde sua infância, seja pela família, ou em contextos educacionais que teve contato. Neste sentido, na intenção de analisar experiências concretas da praticadocente e sob que lógicas elas são operadas, assim como identificar o perfil cultural do/da profissional, através da sua relação com Arte e Cultura, realizou-se entrevistas e aplicação de questionário com profissionais que atuam na Educação Infantil, Baseando-se no resultado das respostas em questionário e perguntas introdutórias na entrevista, torna relevante traçar brevemente o perfil profissional e cultural das participantes da pesquisa. Na intenção de manter os protocolos de ética na pesquisa, usaremos os termos *professora 1*, *professora 2* e *professora 3* para mencionar cada docente, que serão assim designadas de acordo com a ordem que a entrevista foi realizada.

A primeira professora aqui nomeada como professora 1, se formou em Letras com inglês no ano de 2019 e atualmente cursa Pedagogia. Especialista em Educação Infantil e atua como professora da Educação Infantil em uma escola privada e bilíngue da cidade de Salvador-BA. Sua experiência profissional é em Educação Infantil, desde

¹ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

que se formou, trabalhou com o grupo 1, 2 e 3, também ministrando aulas para crianças do grupo 5 de forma remota. Hoje a docente leciona para crianças do grupo 2 de forma presencial. Como trabalha em uma escola bilíngue é professora de inglês na Educação Infantil.

Em resposta ao questionário, a professora 1 revela uma relação positiva com as instituições culturais museológicas, mostra ter uma ideia sobre o que é Museu, apontando um interesse significativo sobre esses espaços e compreendendo-os como centros para fruição artística e resgate da memória. A profissional mostra se interessar em conhecer Museus sempre que viaja e isso é importante, pois amplia sua visão educativa e seu repertório cultural, artístico e histórico. Sobre os museus on-line, afirma já ter visitado, mas mostra pouco interesse e informa que não é algo que a "prende". Para ela não foi uma experiência positiva, mas entende como algo importante, a pensar que talvez seja "o único meio de que determinadas pessoas possam acessar estes espaços".

Essa afirmativa sobre os museus on-line da educadora traz sua visão sobre a experiência de perceber esses espaços de forma virtual e neste sentido é possível compreender como existe uma necessidade humana em sentir, tocar, ter a experiência material, ou seja, a virtualidade, ainda não capturou totalmente o mundo contemporâneo. Isso é interessante ao considerar o fato de que a materialidade possibilita uma gama de sensações diferenciadas das oportunizadas pelo mundo virtual.

Essa reflexão coincide com uma questão a ser considerada atualmente, pois vivenciou-se e ainda continua a existir o assolamento de uma pandemia global, e neste contexto as tecnologias tiveram um importante destaque nos modos de transmissão do saber e da comunicação em si. A necessidade de confinamento colocou o uso das tecnologias como uma forma de continuar as relações interpessoais, e de comunicação cotidiana entre as pessoas. Na necessidade de garantir acessibilidade à educação, ao lazer, em alguns casos a saúde, etc. Com efeito, as plataformas digitais contribuíram significativamente com o processo de comunicação e interação social durante a pandemia.

O contato físico tornou-se restrito e isso ajudou a continuidade em vida social, mesmo por intermédio da tela plasmada. Disso resultou importantes mudanças tanto no plano subjetivo quanto no plano social que desafiam o pensamento, pois embora, em um primeiro momento ao permitir um acesso na produção e recepção de conteúdo,

também inviabilizou o acesso à determinadas pessoas, a se pensar na existência de indivíduos que não possuem internet e nem os equipamentos tecnológicos necessários ao seu acesso.

Sobre essa reflexão se faz necessário apontar uma realidade vivenciada pelos educandos das escolas públicas municipais da cidade de Salvador-BA, quando em entrevista a profissional 2 revelou a seguinte resposta sobre os educandos da escola em que trabalha:

Então... sobre o museu on-line, a gente não utilizou o museu on-line na pandemia até porque a gente tinha dificuldade de manter as aulas na pandemia de forma remota por conta da realidade dos nossos alunos, né? Da dificuldade com relação ao acesso à internet. Então a gente não utilizou, não.

Contudo, é importante salientar que já existia em nossa sociedade, principalmente para as gerações mais novas um uso exacerbado das redes sociais e das ferramentas digitais. Neste sentido, a educação precisa se adequar e, assim, atingir essa necessidade de uma educação para a tecnologia.

Os Museus como espaços de educação que representam o passado, mas também o presente e o futuro se moldaram a essa necessidade e também na intencionalidade de dar acesso, também se tornou virtual e é de extrema importância trazer as duas experiências e sensações tanto na materialidade do espaço institucional, como no espaço virtual, em determinados casos, como a exemplo a experiência em museus em outras regiões, países, etc.

Diante das ideias aqui discutidas, pondera-se a afirmativa da professora sobre o acesso aos museus virtuais para que se tornem uma alternativa para determinadas pessoas, mas ainda acrescenta-se a essa afirmativa, a possibilidade de uma experiência diferenciada, de sentir esses espaços, de forma virtual, considerando também o recurso tecnológico como uma importante ferramenta educacional, que está *pari passu* com as necessidades do mundo contemporâneo, pois como afirma Lévy (1997) o virtual não é oposto do real, e sim, uma continuação dele, o virtual se opõe ao atual, pois se atualiza sem precisar ser concretizado efetivamente.

Quanto a professora 2, é formada em Pedagogia e tem três pós-graduações: Psicomotricidade, Ludicidade e Educação Infantil. Tem 18 anos de experiência profissional em Educação Infantil, 12 anos em escola particular e 6 anos em escola pública. Atualmente trabalha na Educação Infantil com as crianças do grupo 5 na rede pública.

Em suas respostas ao questionário a professora 2 explica que para ela o Museu

é: "Um lugar que guarda relíquias, objetos importantes para a história da sociedade ou arte que fazem as pessoas refletirem sobre algo".

A concepção de museu descrita pela docente reconstrói o pensamento em que os museus são vistos como instituições de guarda, porém os museus não só guardam, mas salvaguardam o patrimônio cultural, histórico e artístico das sociedades e/ou humanidade. É também um espaço de educação não formal, que contribui com o conhecimento e resgata a memória, as manifestações culturais, artísticas e históricas da humanidade. Pensar no museu como espaço de guarda é remontar um pensamento em que eram tidos como "gabinetes de curiosidades" ou "câmara das maravilhas" do século XVI e XVII, os "depósitos de obras de artes" em que grande parte eram pertencentes, acessados e mantidos pela nobreza.

Existentes por toda a Europa, durante os séculos XVI e XVII, coleções de objetos raros ou curiosos receberam o nome de Gabinetes de Curiosidades ou Câmaras de Maravilhas, em alemão Kunst und Wunderkammer. Pomian, no texto "La culture de la Curiosité", conta que existiram centenas, senão milhares, de gabinetes pela Europa, neste período, mantidos por príncipes ou casas reais, humanistas, artistas ou ricos burgueses; elementos representantes da cultura erudita interessada em conhecer e colecionar o mundo que os cercava. (RAFFAINI, 1993, p. 159).

O Estatuto dos Museus amplia bastante o conceito de museus na contemporaneidade considerando-os como instituições que conservam, educam, investigam, expõem, comunicam, preservam e expõem o patrimônio cultural.

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

[...] Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, 2009).

A professora 2 também comenta uma problemática encontrada na nossa sociedade, a falta de incentivo a visitar museus, como a mesma explica: "Acho importante pra podermos refletir sobre nossa história em diversos temas e aspectos, porém não vejo muito incentivo para isso em nossa cultura".

Ao apontar esse problema a professora confirma uma realidade a ser discutida nesta pesquisa, pois ao se pensar que se fizesse parte da educação da nossa sociedade conhecer e visitar museus e se as crianças desde pequenas fossem estimuladas a isso por suas famílias e no espaço escolar, seriam incentivadas a se

tornarem cidadãos, mais críticas, reflexivas e conscientes e participantes da sociedade.

Como consequência disso, a professora 2 também informa que "Não costuma visitar museus" e que só conhece "Poucos. Museu da criança, MAM, Museu de Arte moderna da Bahia" mesmo tendo consciência da importância disso para a memória, cultura e história de uma sociedade, a Pedagoga não tem o hábito de realizar visitas a museus e isso leva a outras questões, se os educadores não possuem o costume de visitar museus, como irão incluir isso no seu planejamento pedagógico? Como irão estimular as crianças a visitarem museus?

É fato que muitas vezes a rotina das pessoas, a vida corrida, a sobrevivência material faz com que os indivíduos fiquem em um estado de anestesia, sem perceber o mundo a sua volta, sem sentir as coisas do mundo e isso reflete no dispor de tempo e no interesse de buscar os museus. O autor Duarte Júnior (2004), em obra: "O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível" fala da necessidade de uma "educação para estesia", uma educação estética, onde as pessoas possam voltar a sentir através do seu corpo, onde possa parar um pouco para sentir, pois o contexto social fragmentado do mundo em que se vive só prioriza a materialidade, o consumo e imagens idealizadas. Isso também é um ponto a se pensar e que reverbera em uma sociedade que não se interessa pela sua história e suas manifestações culturais e artísticas. Sobre os museus on-line, a professora 2 afirma não ter conhecido nenhum museu desta forma.

Em relação às respostas apresentadas pela professora 3, estas permitem afirmar que a mesma possui uma relação bastante positiva com as instituições museológicas, ela mostra que os museus são espaços presentes na vida dela, desde sua infância e ainda acrescenta que o gosto por visitar e conhecer essas instituições só aumenta. Ao responder a pergunta de número 2 do questionário, você gosta e costuma visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta. A docente afirma: "Eu amo. Desde criança tenho o costume de visitar exposições e a frequência só aumentou com o passar dos anos".

A profissional compreende os museus como espaço de memória, ao mencionar que o mesmo "registra a história e manifestações culturais da humanidade".

A professora conhece uma quantidade significativa de museus em Salvador e isso se estende a região da Ilha de Itaparica, onde ela trabalhou em uma escola pública como Coordenadora pedagógica, mostra já ter utilizado em sua prática docente o estímulo à visita em museus, quando menciona: "Na ilha de Itaparica, visitei

a Fortaleza de São Lourenço com os alunos do quinto ano (Escola Municipal localizada na ilha)".

Isso mostra que quando se é estimulado desde de criança a visitar museus, a sua apreciação e vontade de conhecer esses ambientes só é ampliada, bem como seu repertório cultural, artístico e educativo, desta forma a Pedagoga tem consciência da força cultural e artística que tem esses espaços para o desenvolvimento do ser humano. Quem é estimulado a visitar museus, assim o faz também, estimula outras pessoas, e isso se mostra mais interessante ao se tratar de uma profissional da educação. Sobre os museus on-line, a professora 3 parece ter gostado da experiência em visitar museus desta forma, pelo fato de conhecer uma certa quantidade, inclusive de museus internacionais. Como afirma: "Sim. Já visitei o museu Thyssen-Bornemisza e o museu do Prado (Madri, Espanha) e Louvre, Museu da Fala e o museu da Língua Portuguesa".

5.3 Experiências com as crianças: do espaço do Museu à sala de aula

Até hoje a gente escuta um ditado de que: ai, museu pra que, que eu vou no museu? Ou então qual é o ditado meu Deus... é... Ah, eu não sou museu, não sou museu pra querer guardar coisas velhas, alguma coisa assim, não lembro. Então só isso dá em nota a ignorância né? Da pessoa, porque se ela tivesse entrado em contato, se ela tivesse entendido que os museus eles contam a nossa história e fazem parte né? Do nosso passado que está ali tudo registrado, a nossa história, o nosso imaginário coletivo está tudo nos museus, sabe? Nos museus existem coisas belas, coisas feias e coisas extraordinárias, né? E que fazem parte da nossa construção como sociedade, como humanidade. E as pessoas não entendem isso justamente porque elas não foram educadas para isso. Por isso é importante trabalhar com essa questão desde a infância. E eu acho que deveria ser obrigatório. E é isso. As pessoas não gostam de museus porque sei lá, porque elas não gostam simplesmente, porque elas não tiveram educação no repertório delas, elas não tiveram oportunidade de visitar esses espaços. (informação verbal)².

Ao responder à pergunta 10 da entrevista, a professora 3 traz esta significativa reflexão sobre a importância da atual sociedade se voltar para uma educação que contemplem os museus, pois essas instituições culturais devem ser consideradas fundamentais à formação humana e social dos indivíduos.

Desta forma, a Pedagoga além de considerar a significação social dos museus, também informa que existem concepções equivocadas no imaginário coletivo dos indivíduos sobre o que realmente é este espaço e neste sentido o hábito de visitar

² Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

museus acaba não sendo construído por falta de uma educação estética e sensível.

Ainda para complementar os argumentos da professora em questão destaca-se o fato de não existir nas universidades uma formação inicial que estimulem e incentivem os educadores licenciados a utilizar esses espaços em sua prática docente, o que se nota, muitas vezes, são ações isoladas assumidas por alguns professores, mas não uma política instituída para o trabalho de valorização e reconhecimento de direitos da criança na construção de experiências sensíveis no/com espaço museológico

Reforçando desta forma o que a pesquisa se propôs apresentar, a fundamental relevância que existem os museus como espaços de cultura, história, arte e memória na constituição arte-educativa dos seres humanos, desde a infância.

Com a intuito de compartilhar as questões impeditivas no contexto educacional e formativo dos/das professores, na falta de uma formação inicial voltada à questão da importância dos museus, mas também as questões positivas a proposta da pesquisa este tópico visa apresentar as experiências da prática docente relacionada aos museus, das professoras que participaram da pesquisa.

Como resultado das informações registradas em entrevista, a professora 1 aponta questões bastante relevantes à discussão que esta pesquisa propõe, em relação à prática docente articulada a uma educação para a estética e apreciação artística, histórica e cultural do espaço do museu para as crianças nas instituições escolares. Ao responder a primeira pergunta: Enquanto Pedagogo (a) você acredita ser necessário estimular as crianças a visitarem Museus? A docente informa:

Primeira pergunta, não sou pedagoga, sou formada em letras, mas trabalho com educação infantil como se eu fosse pedagoga, né? Porque eu dou aula em uma escola bilíngue, dou aula na escola bilíngue, então eu sou pedagoga só que em inglês né? Metade da aula é comigo, metade da aula com a professora de português. Então eu tenho essa experiência de pedagoga, né? E sim, acho sim necessário estimular as crianças a visitarem museus, muito importante, né? De que pessoas de todas as idades conheçam o museu, tenham acesso a esse ambiente, porque é o lugar que a gente respira cultura, né? E respirar cultura é sempre muito importante pro nosso desenvolvimento. (informação verbal)³.

Essa afirmativa corrobora com a consideração de Leite (2006) quando a autora aborda que os museus são ambientes de trocas e espaços favoráveis para criar e conhecer representações culturais e artísticas de outros tempos-espaços e com pessoas de gerações diferenciadas. O museu é um espaço de

³ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 1, realizada pela autora em 5 de abril de 2022.

educação, onde trocas de saberes e sensações são criadas, são ambientes para todos (as), de perpetuação do conhecimento e de desenvolvimento humano, independentemente da idade.

Em continuidade a entrevista a professora 1 traz outros pontos a serem discutidos, como a necessidade de uma formação docente inicial e específica para o trabalho com crianças, pois mesmo tendo uma formação na área de educação e cursando Pedagogia, é perceptível, em suas respostas, que a profissional possui uma visão que se configura em uma concepção adultocentrada sobre a Infância e a criança. Diz ela:

Não, nunca propus no meu planejamento levar pra museu, porque eu sempre quando penso nisso né? Em um rolê cultural, sempre penso em levar essas crianças pra teatro, pra circo e como são muito pequenininhos, né? Os meus são grupo 2. Aqui em Salvador não tem um ambiente, tipo assim em São Paulo tem o "Museu Catavento"⁴ que seria legal pra eles, tem umas partes bem legais que servem pra eles, pra o grupo dois, mas eu acho que aqui em Salvador não tem o ambiente assim que seja tão atrativo pros bebezinhos. (informação verbal)⁵.

Percebe-se uma postura adultocentrada, uma vez que a professora 1 decide qual espaço é adequado ou não para as crianças pequenas e desta forma restringe o direito da criança a visitar museus. Não se observa na fala ao menos a tentativa de planejar como uma de suas propostas pedagógicas. Ao responder à questão 2, você já propôs em seu planejamento pedagógico visitar Museus? Informa o seguinte:

Eu não, uma colega minha apresentou. Ela apresentou pras crianças maiores de primeiro e segundo ano e eles amaram, eles adoraram a experiência, mas como eu falei, os meus são bem pequenos então não tem nem como, eu acho que não tem nem como. Eu não encontrei nenhum recurso assim que fosse atrativo pra eles. (informação verbal)⁶.

Esse argumento da docente também existe no espaço do museu ao se tratar dos mediadores culturais. Nesse sentido, sublinha Carvalho (2013), sobre a fala das mediadoras, em resistir receber esse público nos museus.

[...] “Eu não sei o que fazer com as crianças pequenas. Não gosto mesmo. Acho que fica escrito na minha testa. E não sei se tem muito a ver a vinda delas”. “O que se pode fazer com os pequeninos nessas exposições? Eles não podem entender nada disso. Nem entendem o que eu falo!”. “Criança menorzinha, assim de quatro, cinco anos, ninguém merece!”. (CARVALHO, 2013, p. 304 apud GABRE, 2019, p. 155).

⁴ O Museu Catavento, museu de ciência e tecnologia da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, foi inaugurado em março de 2009. Tem a missão de aproximar crianças, jovens e adultos do mundo científico, despertando a curiosidade por meio de exposições interativas e atraentes (SÃO PAULO, [20--]).

⁵ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 1, realizada pela autora em 5 de abril de 2022.

⁶ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 1, realizada pela autora em 5 de abril de 2022.

Segundo Santos (2017), os museus são espaços democráticos e aberto ao público, em uma exposição museológica várias linguagens podem ser exploradas, no sentido a permitir uma acessibilidade a diferentes públicos, porém nesta perspectiva de garantir a acessibilidade, uma exposição também pensada para o público infantil pode proporcionar um melhor acolhimento das crianças pequenas se atentarem para as seguintes questões apontadas abaixo:

[...] livre acesso ao espaço museal (possibilidade de frequência regular e circulação/acesso direto às coleções expostas nos museus); possibilidade de visualização (com objetos dispostos na altura de seus olhos) e, sempre que possível, manipulação (galerias interativas); facilidade na inteligibilidade das mensagens (com etiquetas múltiplas em linguagem não-escrita ou escrita direta e simples); chances de participação em propostas desafiadoras, lúdicas e criativas que levem em conta seus conhecimentos prévios e que estimulem sua imaginação e diferentes linguagens expressivas; possibilidade de constituir significação ao visto/vivido de forma aberta e autoral através da participação em/criação de narrativas, nas quais sua voz seja ouvida e respeitada [...]. (LEITE, 2007, p. 152 apud GABRE, 2019, p. 164).

É fato que existem exposições que são voltadas a um público específico, mas a depender do acervo e da proposta expositiva, a equipe de ação Cultural e Educativa dos museus compostas por arte-educadores, pedagogos, historiadores e outros profissionais das áreas das ciências humanas e artísticas podem adaptar a linguagem para se tornar mais acessível ao público infantil. Algumas exposições podem possuir restrição de idade por conter, a exemplo, em uma exposição de fotografia ou uma videoinstalação, violência explícita, mas com algumas exceções as exposições podem sim, serem experienciadas pelo público infantil, inclusive essa é a função do setor educativo em uma visitação mediada nos museus, tornar esses espaços acessíveis.

É importante que os professores de Educação Infantil recebam formação inicial e continuada que promova a garantia da acessibilidade de uma criança em qualquer espaço. Considera-se ainda que, nestes espaços não se deve reduzir a capacidade cognitiva e sensível da criança a falas infantilizadas. As crianças são seres humanos em desenvolvimento, são capazes de criar, imaginar e produzir cultura, a partir do que lhe é apresentado ou estimulado, uma criança de 02 anos ou menos pode visitar um espaço expositivo. A exemplo, o Museu de Arte Sacra da Bahia é uma instituição tradicional e pertence à Universidade Federal da Bahia (MAS-UFBA), possui um acervo voltado à arte religiosa da Igreja Católica, e ter suas sensações e impressões, pois segundo Sarmento (2000), as crianças desde bem pequenas se expressam e possuem suas linguagens que podem ser gestuais, corporais, plásticas e verbais.

Segundo Sarmento e March (2008), as crianças produzem cultura dentro de

quatro eixos: a interatividade, a ludicidade, o brincar e a fantasia. Eixos esses das culturas da infância que se tornam linguagens particulares por meio das quais a criança compreende e se manifesta no mundo social e cultural. Desse modo, a infância é entendida como um lugar de produção de cultura, de conhecimento, de aprendizados.

É a visão adultocêntrica centrada na concepção moderna de infância que incapacita, tira o direito e torna inacessível a visita das crianças nesses espaços (GABRE, 2019). Nesta perspectiva, a sociedade sempre concebe o adulto como foco e sob o seu controle, diminuindo desta forma o respeito e o entendimento sobre esse contexto específico do ser humano: a infância.

Em relação às demais perguntas se sobressaem duas respostas que mostram em que lógica a prática pedagógica da professora é operada. Primeiramente, a docente informa que considera muito importante estimular e articular os conteúdos de arte na Educação Infantil, inclusive relata que a escola em que trabalha realiza esse tipo de proposta, mas é perceptível em seus argumentos que possui pouco conhecimento em relação à legislação para a Educação Infantil. Inclusive a professora não soube responder as perguntas que versavam sobre quais documentos legais e referências utilizava para o trabalho com artes na Educação Infantil. Em sua resposta, também se observa que defende a concepção do que é acessível de acordo com a faixa etária das crianças.

Olha a décima questão, isso é uma pergunta muito relativa porque depende muito do grupo né? Tem grupos e grupos, eu acredito que se houver uma conversa antes sobre o respeito que precisa ter com o ambiente e todas essas coisas assim eu acho que pode ser que essas crianças consigam se divertir, elas consigam aprender e consigam apreciar o espaço do museu. E ele tem que ser visto como algo benéfico pras crianças, em que elas vejam e que com que elas percebam que é um ambiente legal pra elas, que é um ambiente que vai fazer com que elas se desenvolvam, que elas cresçam e não como uma coisa chata, né? Então tudo precisa ser conversado antes, então acredito que depende muito do perfil da turma. Mas não acho que seja um desafio, não. Se bem conversado, se bem explicado a razão, e se for algo que se adeque a idade das crianças, é claro que sim, né? Tem museu que talvez não funcione pra crianças de sete, seis anos. Aí você vai ter que levar no museu que desperte o interesse delas. (informação verbal)⁷.

Outro ponto interessante na entrevista desta docente, é que ela acredita ser sim viável levar as crianças para visitar Museus desde que tudo seja muito bem articulado, dialogado e planejado e com essa afirmativa a profissional resgata um ponto discutido por Freire (1996), ao apontar que ensinar exige pesquisa,

⁷ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 1, realizada pela autora em 5 de abril de 2022.

planejamento e diálogo, respeito aos saberes prévios dos educandos, adequação desses saberes em seu planejamento pedagógico, visto que é necessário que os estudantes percebam o sentido da aprendizagem. Então é necessário planejamento, assim como os pontos considerados pela autora a seguir:

[...] Porém, é válido considerar que o ato de visitar o museu não se restringe ao momento vivenciado no museu. Essa ação deve ser parte de um planejamento que se inicia na própria unidade escolar e se possível em parceria com o museu.

[...] Essas questões validam a necessidade e a possibilidade de um trabalho em colaboração para se pensar as crianças pequenas no museu. Assim sendo, salientamos que vários autores destacam que o trabalho articulado entre escola e museu, para que seja uma experiência significativa para ambos, pode ser desenvolvido em três importantes momentos: o que acontece antes da visita, no espaço escolar; o que se desenvolve durante a visita, no espaço do museu; e o que continua na escola depois da visita. (GABRE, 2019, p. 164-165).

Em suma, a entrevista da professora 1 contribui com as seguintes considerações: a) a relevância a formação inicial voltada à educação infantil; b) a necessidade de articular o seu planejamento pedagógico com o ensino das artes para o estímulo ao desenvolvimento das crianças, articulado ao planejamento, pesquisa, preparo e engajamento político em sua prática docente (FREIRE, 1967; HOOKS, 2013).

É fundamental a formação inicial e continuada que garantam a concepção de infância e de criança como sujeito de direitos, respeitando-as em sua pluralidade cultural e social, compreendido que a criança consome e produz cultura. Os docentes em formação devem considerar os museus como espaço de educação abertos aos mais diversos públicos, e necessita articular e dialogar melhor com os profissionais educadores desse espaço, inclusive ao se planejar, e ter uma intencionalidade pedagógica com o que será proposto com a visita. Por fim, a educadora também considera muito importante estimular a visita em museus e articular em seu planejamento as aprendizagens ao ensino das artes para as crianças, desde bem pequenas, como aponta a seguir:

Extremamente importante articular as aprendizagens do ensino da arte pras crianças da educação infantil desde os bebezinhos, é importante que eles tenham acesso a todos os tipos de manifestação artística. Muito, muito, muito importante. (informação verbal)⁸.

Neste sentido, os museus, principalmente os de arte, são importantes, podendo ser acessados como espaço educativo pelos professores. Reafirmando a importância

⁸ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 1, realizada pela autora em 5 de abril de 2022.

do estímulo a visitar museus, visto que são espaços para acesso e fruição artística.

Em relação a entrevista, a profissional 2 traz argumentos interessantes ao fornecer sua experiência com Educação Infantil em uma instituição escolar pública, onde ela teve a oportunidade de levar as crianças para a CAIXA Cultural Salvador⁹ e incluiu isso em seu planejamento pedagógico e nas atividades realizadas com as crianças. Ao responder a primeira pergunta a professor explica:

Então, eu acho sim, importante que o professor estimule as crianças a conhecerem o museu, né? Esse espaço cultural, sendo que é importante pensar na realidade de cada espaço, ou seja, né? Escolas públicas, por exemplo, tem uma realidade diferente. Então, tem uma dificuldade maior pra visitas presenciais, né? E hoje em dia como já tem a possibilidade de museus online e presenciais, né? Então o museu online, ele abre um leque de possibilidades pra esses lugares, essas escolas que não tem a possibilidade de visitarem presencialmente, muitas vezes né? Então é importante, sim e dessa forma as crianças podem ter descobertas, reflexões sobre a existência dependendo de qual exposição elas estejam participando ou pesquisando, né? Ou presenciando, ou visitando e acho que dessa forma isso contribui, né? Para a valorização do patrimônio cultural. (informação verbal)¹⁰.

Em resposta à pergunta 10, a professora volta a mencionar o descaso da prefeitura e a precarização das escolas públicas da cidade de Salvador- BA. Essa perspectiva acabou por ser recorrente na entrevista e também foi constatada na fala das outras duas professoras entrevistadas:

É... sobre o desafio né? De levar crianças pra visitar museus, na minha opinião, na realidade em que eu vivo atualmente seria a logística, a logística pra levar as crianças no caso, né? De escola pública. O transporte que não é oferecido pela prefeitura e não existe, é, não existe ônibus disponível para passeios então eles acontecem quando os políticos oferecem o transporte ou de forma esporádica, não existe uma formalidade pra licitação desse transporte, não que eu conheça, eu desconheço né? Então acho que a dificuldade seria o transporte. Mas assim, né? Em relação a atividade, a vivência em si ela é possível fazer, sim, dá pra articular com os temas mais específicos, os temas do referencial curricular sim. Dá pra gente articular, o nosso desafio seria a visita presencial por conta do transporte mesmo. (informação verbal)¹¹.

Eu não ensino em instituição pública, mas minha sogra sim. E é sempre muito frustrante essa questão aí de visitar, de conhecer locais, não só museu como qualquer lugar. E ela tenta bastante, mas assim, é bem complicado, eles não têm recurso pra isso e não tem incentivo da Prefeitura. (informação verbal)¹².

⁹ Inaugurada em 1999, a CAIXA Cultural Salvador encontra-se instalada na Antiga Casa de Oração dos Jesuítas, imóvel do século XVII tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional e restaurado integralmente pela CAIXA. A Caixa Cultural dispõe de vários espaços para apresentação de teatro, música, dança, cinema, exposições e atividades de arte-educação (CAIXA CULTURAL, [20--]).

¹⁰ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 2, realizada pela autora em 7 de abril de 2022.

¹¹ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 2, realizada pela autora em 7 de abril de 2022.

¹² Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 1, realizada pela autora em 5 de abril de 2022.

Última questão. Eu acredito que o desafio é mesmo essa questão da infraestrutura de ter, de conseguir recursos pra essas crianças para os museus. Sabe? Não é falta de vontade, eu acredito que se a gente falar com os pais iriam aceitar, tudo bem que as crianças são pequenas e tudo, mas eu acho que a questão mesmo foi a falta de recursos, né? De um ônibus, de conseguir lanche, essa questão. (informação verbal)¹³.

Sobre essa resposta da professora que acabou se repetindo nas três entrevistas podem-se considerar dois pontos importantes: a realidade das escolas públicas da cidade de Salvador-BA e a utilização dos museus on-line como uma oportunidade de garantir o acesso a esses espaços expositivos de forma virtual.

É fato que as escolas públicas passam por um processo de precarização por causa de uma má administração pública e muitas vezes faltam recursos para a manutenção do próprio espaço escolar e conseqüentemente não possuem veículo próprio para locomoção das crianças. A prefeitura garante minimamente e com muita precariedade o básico nas escolas municipais, inclusive durante trabalho em uma escola pública municipal de Salvador-BA, enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UFBA foi constatado que muitas vezes faltam Auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) para os cuidados básicos das crianças nas creches e as Pedagogas quando o fazia, tipifica-se como desvio de função, pois tinham que realizar o seu trabalho e o da profissional mencionada, isso porque a prefeitura, naquele momento, não renovou à época o contrato dessas profissionais e sequer abriu edital para concursos públicos para tais vagas estas.

Quanto às visitas aos museus, é importante considerar que existem impedimentos que podem ser solucionados com planejamento, preparo e diálogo com a gestão escolar que pode se articular juntamente com a prefeitura, os museus, inclusive existem espaços, como a exemplo o próprio Centro Cultural da C.E.F (mencionado pela profissional) que fornece lanche e transporte para as crianças das escolas públicas. Reconhece-se que providenciar transporte envolve questões burocráticas, mas com persistência, engajamento político e reflexão crítica sobre a realidade social, bem como a reconhecer que o acesso aos espaços culturais é direito da criança, pode ser solucionado.

Para essa discussão, é relevante retomar as informações contidas no parecer que orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2009) como um dos documentos legais

¹³ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

que direcionam o trabalho do Pedagogo (a) na Educação Infantil, apesar de haver em vigor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), relembra-se os fundamentos básicos para o trabalho pedagógico descritos nas DCNEI, tais como: os princípios estéticos, em que informa sobre a necessidade da valorização, sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e das manifestações artísticas e culturais. Nesse sentido, o documento reforça a relevância de propiciar e estimular a apreciação cultural, histórica e artística como base para o desenvolvimento da ludicidade e da valorização da sensibilidade e da criatividade da criança na Educação Infantil (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2009).

O documento ainda complementa que:

O trabalho pedagógico na unidade de Educação Infantil, em um mundo em que a reprodução em massa sufoca o olhar das pessoas e apaga singularidades, deve voltar-se para uma sensibilidade que valoriza o ato criador e a construção pelas crianças de respostas singulares, garantindo-lhes a participação em diversificadas experiências (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2009, p. 9).

Outra alternativa é a sugestão da professora de utilizar os museus virtuais como uma forma de estimular a visita desses centros culturais às crianças, assim como garantir o direito delas de ocuparem esses espaços, porém em muitas escolas públicas, principalmente as municipais que oferecem a educação infantil não possuem esses equipamentos tecnológicos e isso mostra o descaso das autoridades públicas, mas também necessita de um engajamento político e persistência por parte dos educadores e gestores desses espaços. Partindo da perspectiva de uma pedagogia engajada (HOOKS, 2013).

Ao responder as perguntas 5 e 6 a docente traz outra realidade nas escolas públicas municipais de Salvador-BA, pois apesar de existir no art. 26 da Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996) a introdução do ensino das artes no currículo da Educação básica, com a seguinte redação: “§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (Redação dada pela Lei nº 13.278, de 2016)”. Ainda existem muitas escolas municipais que não possuem o professor de artes, isso comprova o desrespeito com os profissionais da área, bem como o descaso em proporcionar o conhecimento artístico, estético, a criatividade e imaginação proporcionada pelas artes na Educação Infantil. Sobre essa problemática confirma a docente entrevistada:

É... com relação a articular o meu planejamento com o professor de artes, não, não faço isso porque lá na escola a gente não tem professor de artes, é uma escola de crianças pequenas né? O grupo maior é o grupo cinco, é...

então não, a gente não faz essa articulação por conta né? Da falta do profissional. A gente costuma ter uma coordenadora que ajuda com relação ao planejamento e aí é dessa forma que a gente faz. Não tem professor de artes, não. (informação verbal)¹⁴.

O descaso existe, a precarização também, mas contra esse abandono do poder público devem os professores e sindicatos se organizarem coletivamente e realizarem as tensões necessárias à garantia do direito à educação na cidade de Salvador-BA. É sabido que se vivencia o desprezo pelo sensível, parar para sentir se encontra cada vez mais difícil em uma sociedade imediatista, materialista que só se preocupa com a produção e apelo ao capital.

Neste contexto, o estímulo a arte, a criatividade, a imaginação, a fantasia, acaba ficando de lado e é visto como algo desnecessário. Isso se configura na desvalorização dos profissionais especializados em artes, bem como a uma consequência danosa para as crianças e no geral à sociedade que precisa do acesso às artes para o seu desenvolvimento.

Como exemplo desta afirmativa, destaca-se o último acontecimento na cidade de Salvador-BA, quando o prefeito Bruno Reis pronunciou que os professores de Artes, Educação Física e Inglês seriam substituídos por Pedagogos nas turmas de 1º e 2º ano do Fundamental 1, nas escolas da rede municipal de ensino. Mostrando destaforma uma atitude errônea da Secretaria Municipal de Educação de Salvador e em específico do atual secretário de educação Marcelo Oliveira. Sobre a precarização docente dos professores de arte, o descaso e a visão capitalista das sociedades contemporâneas, as autoras afirmam a seguir:

A precarização da docência é um assunto complexo por envolver, especialmente, a compreensão de que a escola pública reflete a sociedade de cunho capitalista e excludente em que vivemos. Essa postura tende a transformar a educação em mercadoria e, assim, o ensino assume o lugar de preparação técnica para o mercado de trabalho sendo, também, um meio de controle social e ideológico. Entretanto, em uma sociedade em que a educação é objeto de emancipação e humanização é vista como práxis fundamental, busca-se “[...] atender o critério democrático e de justiça social. Uma análise política pode definir como educação de qualidade aquela que propicia uma formação cultural e científica a todos de modo que isso concorra para se viver dignamente, humanamente, na sociedade”. (SAVIANI, 2008, p. 24 apud DOMINGUES; NASCIMENTO, 2020, p. 391).

As autoras ainda consideram interessante abordar mais uma questão a ser considerada sobre o desinteresse do governo em manter nas escolas, o ensino das artes na Educação Básica. Explicam a seguir:

¹⁴ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 2, realizada pela autora em 7 de abril de 2022.

Em contraponto a essa conjuntura predatória do sistema educacional em uma sociedade capitalista, as Artes podem ser vistas como experiência formativa que estimula a transgressão, a desobediência, o pensamento criativo e a ação interventiva no mundo. As Artes tendem a despertar os sentidos e a sensibilidade para perceber a realidade, favorecendo uma leitura crítica e propositiva do mundo (BARBOSA, 2005). Nessa perspectiva, entendemos que fazer Arte [...] é romper com o olhar míope, deformante de si mesmo e do mundo; é redescobrir novas formas de relação, novas imagens do mundo, novos signos a partir da vivência de um processo criativo. (SOARES, 2010, p. 55 apud DOMINGUES; NASCIMENTO, 2020, p. 392).

As informações aqui levantadas explicam o motivo pelo qual a professora 2 em resposta à questão 9 na entrevista informa que desconhece a existência de projetos da Secretaria da Educação em incentivar visitas a museus e manter uma relação com o espaço escolar e os museus. A professora 2 responde exatamente da seguinte forma:

É... sobre o projeto da Secretaria de Educação né? De incentivar a visitar os museus, eu desconheço se houve não conheço. Então eu trabalho assim em escola pública, mas não conheço nenhum projeto da Prefeitura, nem da secretaria relacionado a visita a museus. Não, eu desconheço. (informação verbal)¹⁵.

Em entrevista a professora 3 ainda contribui com essa afirmação quando explica que na escola em que trabalhava também não existia por parte da Secretaria de Educação nenhum projeto de incentivo a museus, como explana a seguir:

Então... sétima questão. É... a instituição escolar é pública, em relação a secretaria de educação da ilha e tal não, não tinha nenhum projeto de incentivo a museus não. E no projeto pedagógico tinha a questão do trabalho com as atividades lúdicas e artísticas mais voltados especificamente pra visita não tinha nada disso. (informação verbal)¹⁶.

A professora 2 em prosseguimento a entrevista ainda acrescenta mais uma informação relevante, quando explica que na escola onde trabalha não existem professores de arte. E em consequência disso acaba ficando como responsabilidade das Pedagogas desenvolverem as atividades artísticas com as crianças e neste sentido ela entende que articula o ensino das artes em seu planejamento pedagógico. Contudo é importante ressaltar um dado apresentado na entrevista da professora 3 que, aponta a relevância de uma formação continuada no espaço escolar, para que docentes inovem e ou adicione outros conhecimentos a suas práticas pedagógicas. Neste sentido, a professora informa que na escola em que trabalhava como Coordenadora Pedagógica existia por parte da Secretaria de

¹⁵ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 2, realizada pela autora em 7 de abril de 2022.

¹⁶ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

Educação um incentivo para formações voltadas ao trabalho com as linguagens artísticas e a ludicidade, e através disso garantia cursos formativos para os/as Coordenadores Pedagógicos e materiais educativos para o trabalho com essas temáticas no contexto de sala de aula. Como explica a educadora a seguir:

Aí outra coisa assim que eu me lembrei e uma coisa muito interessante isso pra sétima questão que a secretaria de educação da ilha o que eu fazia eram as formações que os coordenadores passavam e todo mês a gente tinha uma formação e isso era muito importante porque eram informações diversas e formações que estimulavam o tempo todo a questão do trabalho com a ludicidade e as atividades artísticas. Eu adorava essas formações. E foram muito importantes pra mim. Foi, eu acho que um incentivo muito interessante. Não sei se todas as coordenadoras utilizavam isso, mas a gente recebia muito material legal e muita coisa interessante pra trabalhar com essa questão das linguagens artísticas com as crianças. (informação verbal)¹⁷.

5.4 A importância das linguagens artísticas na educação infantil

[...] Museus são laboratórios de conhecimento da arte, tão fundamentais para a aprendizagem da arte como os laboratórios de química o são para a aprendizagem da Química. Compete aos educadores que levam seus alunos aos museus estender em oficinas, ateliês e salas de aula o que foi aprendido e apreendido no museu (BARBOSA; COUTINHO, 2009, p. 13-14).

A partir da reflexão de Barbosa e Coutinho (2009), percebe-se a importância que têm as instituições museológicas ao se tratar do aprendizado sobre a arte. As autoras se referem aos museus como “laboratórios de conhecimento da arte”, dando o sentido e a necessidade que têm esses espaços como lugar de educação. O contato mais significativo e real da arte como elemento da produção humana é nessa perspectiva, encontrado, visualizado e compartilhado nesses ambientes.

Partindo desta perspectiva a professora 2 ao responder a pergunta 5 e voltada informa que já utilizou como proposta em suas atividades a releitura de obras de arte com as crianças.

Então... Eu acho importante, sim articular as aprendizagens voltadas ao ensino das artes. Um exemplo de uma atividade que a gente faz, com essa articulação, é a releitura. É isso? A gente faz a releitura, por exemplo, de uma obra de Tarsila do Amaral, Monet, o Romero Brito, por exemplo, então nessas atividades a gente faz sim, entre outras, a gente faz outras atividades que dá, que consegue, então dentro das possibilidades que temos, sim, fazemos. (informação verbal)¹⁸.

Sobre a releitura, as autoras Barbosa (2005) em: "Releitura, citação,

¹⁷ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

¹⁸ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 2, realizada pela autora em 7 de abril de 2022.

apropriação ou o quê?” e Pillar (2003) no texto: “A educação do olhar no ensino da Arte” apontam que no final dos anos 80 o ensino da arte na escola especificamente no ensino das Artes Visuais procurava contemplar a produção do aluno e a leitura, assim também como de outras imagens, priorizando desta forma a produção, fruição e reflexão, algo produzido dentro da “Proposta Triangular” de Ana Mae Barbosa.

Como explica Barbosa (2005) a Proposta Triangular é uma abordagem criada e difundida no Brasil nos anos 80 como uma forma de ensinar através da arte, onde evidencia o trabalho com três ações "criação (fazer artístico)", "leitura da obra de arte" e "contextualização".

A "releitura" é a criação, o fazer a partir do que foi experienciado e compartilhado de forma sensorial e mental. Na releitura, a obra é tida como suporte interpretativo e não modelo a ser copiado, é onde se oportuniza a expressão.

Contudo, suspeitamos de que quando se propõem a trabalhar a releitura de obras de arte, ocorra uma releitura de imagens. Principalmente se essa proposta for desenvolvida por um profissional sem a formação adequada no campo das Artes Visuais.

Neste sentido, a autora vai problematizar a questão da releitura e da cópia, destacando a releitura criativa, onde mostra que se pinta e se cria a partir da experiência. A releitura não é uma cópia, e a obra de arte é um processo interpretativo, não é feita para copiar. A releitura para a autora é: "O que dizer de releitura? Reler, ler novamente, dar novo significado, reinterpretar, pensar mais uma vez" (BARBOSA, 2005, p. 145).

E desta forma explana o real significado de trazer a releitura para o ensino das artes, pois existem várias maneiras de fazê-la, que podem ser: utilizando a observação de uma obra para depois criar a partir desta, pode-se também partir da observação da forma como: cor, linha e ritmo, utilizando desses elementos em uma releitura, também são possíveis utilizar comparações de artistas de épocas semelhantes ou diferentes, propondo neste sentido várias formas de releituras.

Em entrevista a professora 3 traz outro ponto interessante a ser considerado no estudo, a relevância de se utilizar as linguagens artísticas e a ludicidade para o trabalho com os conteúdos curriculares e neste sentido a docente explica ao responder a pergunta 6 em entrevista:

A sexta questão, então eu considero muito importante né? Essa articulação das aprendizagens voltadas ao ensino das artes é muito importante, e a base do meu trabalho era esse mesmo era articular os conteúdos, né? Das

atividades das crianças de educação infantil do primeiro ano com as linguagens, por quê? Porque também é uma forma mais leve e mais lúdica mesmo de trabalhar com isso, né? De trabalhar com os conteúdos ali da grade curricular e tal deles, porque eu acredito que o ensino através da ludicidade, né? Através da arte, ele facilita mais a compreensão, né? Da apreensão e compreensão dos conteúdos.

Sobre essa questão da apreciação estética, artística, histórica, né? E reconhecimento da identidade cultural da criança na educação infantil, né? Muitas vezes a gente pensa que só porque as crianças são pequenas, são todas iguais. As professoras muitas vezes faziam algumas atividades e queriam que as crianças fizessem tudo igual. Então como a gente trabalhava com esse projeto, as crianças poderiam se expressar e deveriam se expressar da maneira que elas quisessem. Né? (informação verbal)¹⁹.

Entretanto a professora 3, ao responder a pergunta 8 na entrevista, acaba por afirmar que a instituição escolar em que trabalhava não interagiu com os museus e mesmo tendo um olhar diferenciado sobre a importância dos museus no desenvolvimento humano, e como afirma em suas respostas, na sua própria vida, na ampliação do seu repertório cultural, acabou por não estimular visitas nesse espaço escolar, devido a questões estruturais, de locomoção, e desta forma não possibilitou o acesso das crianças pequenas aos museus, entendendo esses ambientes culturais como de acesso por direito na infância.

Oitava questão. Não, a instituição escolar não articulava, nem interagiu com os museus, porque a gente tá falando de um contexto de ilha, né? Na ilha o contexto era totalmente diferente, não, não tinha isso. A gente não, é bom deixar claro que a gente tá falando, da ilha, e naquela região não tem museus, só na parte de Itaparica, e é isso, até existiam alguns espaços culturais nas comunidades né? Na ilha, assim umas atividades culturais, mas a gente não teve nenhuma integração com esses espaços. (informação verbal)²⁰.

Em resposta a pergunta que trata do uso de referências para o trabalho com as artes na Educação Infantil a professora 1, não soube responder tal questionamento e as professoras 2 e 3 informam que utilizam como base em seu trabalho pedagógico os documentos legais para a Educação infantil como: os Referenciais Curriculares para a Educação infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em suma, se faz necessário destacar que ao se trabalhar com as linguagens artísticas, principalmente com artes visuais, no contexto da educação uma questão deve ser considerada como significativa. Por parte dos/das professores/as, é necessário fazer uma autocrítica sobre o que se quer propor com o ensino da arte, o

¹⁹ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

²⁰ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

que se presencia atualmente é que a escola não se volta à humanização e à sensibilidade de seus educandos, os professores que ensinam artes vêm de um contexto educacional que difunde a cópia, a mecanização, a coisificação do homem, da sua arte e de sua cultura. E neste sentido, é importante a reflexão sobre a prática educativa na perspectiva de transformação social, pois a arte como afirma a autora Ana Amélia Barbosa, não é somente um objeto estético, ela também "serve para ensinar a ver o mundo com mais cuidado e, também, a ver a nós mesmos" (BARBOSA, 2005, p. 149).

5.5 A presença e o papel da ludicidade para o trabalho com a educação infantil

As formas artísticas, através das artes visuais, música, dança, teatro, literatura são formas de comunicação expressas de dentro para fora do indivíduo. Suas sensações e percepções são externadas através dessa linguagem. Na criança é uma oportunidade de desenvolver a sua identidade cultural, sua capacidade motora, cognitiva e intelectual de forma espontânea e lúdica (MARINHO; QUEIROZ, 2005).

Aproveitar e estimular a capacidade imaginativa e de criação nas primeiras fases da infância é algo que deve ser priorizado por parte de profissionais ligados à área de educação, despertando a questão da ludicidade tanto por parte de educandos como educadores.

A definição da palavra lúdico a partir do sentido etimológico da palavra vem de *ludus* e se refere a jogos e brincadeiras. Porém não é somente nas atividades que permite o brincar que são percebidas as sensações de ludicidade.

Segundo Luckesi (2007), a ludicidade está associada ao estado interno do sujeito, ou seja, as suas necessidades internas. A ludicidade deriva da palavra, lúdico e é a denominação geral para esse estado. Ela requer entrega e/o envolvimento do indivíduo consigo mesmo, como um encontro com o seu eu.

As atividades que envolvem ludicidade provocam a experiência mais profunda do bem-estar, é o completo estado de inteireza unindo pensamento, sentimentos e ações. O lúdico também envolve a questão do prazer, da entrega e da interatividade, é uma forma de explorar o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Através da ludicidade é possível unir elementos da fantasia e realidade, possibilitando distinguir o real do imaginário (SANTIN, 1994).

Neste contexto, a professora 3 ao responder a pergunta 5, explica sobre como

articulou seus conhecimentos pedagógicos com os conhecimentos dos professores das artes em sua prática docente e neste sentido aponta contribuições interessantes ao mencionar suas experiências pedagógicas com o trabalho com a ludicidade e as linguagens artísticas no espaço escolar quando trabalhou como Coordenadora Pedagógica:

[...] eu fiz um projeto né? Pedagógico com as professoras e tal que tinha como premissa o capital cultural de Pierre Bourdieu. Por que isso? Justamente porque o Pierre Bourdieu era ele que fazia as viagens, né? Tudo que a gente faz, todo o repertório cultural que a gente tem ajuda a gente. Não sei, a palavra, não seria evoluir, mas seria enriquecer né? A nós mesmos, né? A nossa identidade como ser humano. Então eu sabia que aquelas crianças que estavam ali naquela escola, muitas nunca tinham ido a Salvador, foram só para comprar, não foram para Salvador pra entrar em contato com a cultura pra ir aos museus nada disso. Então sabia que era importante nesse projeto, realidades diferentes né? E mostrar pras crianças realidades diferentes e também trabalhar com essa questão da arte né? Através de linguagens da arte em geral como teatro, a poesia a fim de que essas crianças enriquecessem esse repertório cultural delas. Então o projeto que eu pensei foi através de vídeos né? De diferentes filmes que abordassem temas como a infância, mais filmes mais artísticos, musicais e tal que abordassem temas que fizessem parte do universo daquelas crianças, mas também que mostrassem pra elas que existe uma diversidade no mundo. (informação verbal)²¹.

A docente ainda corrobora positivamente com as reflexões aqui desenvolvidas ao apontar que desenvolveu atividades que trabalhavam a expressão das crianças pequenas através do teatro, da poesia, da música e pintura e ainda a questão da diversidade cultural e racial em um projeto intitulado: “Somos todos diferentes”.

Em um ambiente ludicamente inspirado, a espontaneidade e a criatividade são constantemente estimuladas. A arte é um suporte único nessa perspectiva, é algo que pode proporcionar a vivência plena integrando-se a ação, o pensamento e o sentimento.

Uma atividade lúdica que envolve artes pode ser uma brincadeira, um jogo, um exercício de respiração ou postura corporal, um desenho livre, um trabalho de colagem e modelagem, movimentos que trabalham a expressividade do corpo, atividades rítmicas, uma poesia recitada, o canto de uma música popular, ou uma dança de ciranda, entre outras.

O importante na ludicidade é a instauração da expressividade, criatividade, liberdade e solidariedade, sem bloqueios e que possuam um fluxo de energia que possam ser compartilhados entre um e outro, e nesse sentido, as interações sociais

²¹ Informações obtidas através de entrevista pelo aplicativo *WhatsApp* com a Professora 3, realizada pela autora em 10 de abril de 2022.

possam ser estruturadas e consolidadas.

O papel do educador é trazer para seus educandos a ludicidade, assumindo uma postura que exponha sensibilidade e envolvimento, não implicando apenas uma mudança cognitiva, mas afetiva.

Para trabalhar com ludicidade, o mediador educacional precisa também assumir uma postura lúdica a fim de tornar possível um aprendizado mais eficiente da sua parte e dos seus educandos.

Neste sentido, tanto o trabalho dos/das educadores culturais nos museus, como do/da Pedagogo/a nas escolas durante e após visitação nessas instituições pode ser desenvolvido utilizando tanto as linguagens artísticas como a ludicidade. Corroborando desta forma com a afirmativa de Sarmiento (2004) ao apresentar os quatro eixos estruturadores das culturas da infância: a reitera o, a fantasia do real, a ludicidade e a interatividade. Esses eixos da Cultura Infantil estruturam as a o das crianças na rela o com os mais diferentes contextos sociais e desta forma percebem e interagem com o mundo aprendendo e produzindo cultura.

Trabalhando na perspectiva dos quatro eixos das culturas da infância nos museus e no espaço de sala de aula, as aprendizagens experienciadas em ambos espaços educacionais serão fundamentais ao desenvolvimento da estrutura o psíquica da criança.

Com a ludicidade pode-se explorar a brincadeira, com o faz de conta, a imagina o, criatividade, a interatividade com o corpo, gestos, movimentos, questionamentos, e com a reitera o a capacidade que tem a criança de criar e recriar o seu mundo continuamente.

Existe um universo infantil e particular desconhecido e intrigante, estimular de forma saudável essa percep o de mundo envolvendo o real e o imaginário   indispensável para ser ter no futuro cidadãos capazes de identificar e resolver problemas, além de responsáveis e comprometidos com os seus deveres e direitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus são potentes veículos de perpetuação da cultura, no sentido de manter vínculos com o resgate ao passado, transmitindo a cultura viva e contextualizada no presente e futuro e, nesse sentido, utilizar os mesmos como recursos que auxiliem o processo da aprendizagem artística, cultural e histórica na infância é algo de fundamental importância para que as crianças possam se desenvolver como cidadãos críticas e reflexivas em sua sociedade.

Este estudo de natureza qualitativa, cujo método ensejado se evidencia como uma pesquisa exploratória, fundamenta-se com contribuições teóricas do campo da museologia e educação. A pesquisa teve a finalidade de compreender como o (a) Pedagogo (a) estimula a apreciação artística na constituição arte-educativa da criança pequena em contato com os museus, entendendo-os como seu espaço de direito. Neste sentido, o estudo apresenta os museus como espaços potentes de educação para o desenvolvimento da criança pequena, mostrando a necessidade dos (das) profissionais da Educação Infantil estimular as visitas das crianças nos museus.

A questão central deste estudo foi responder em que medida há por parte do (a) Pedagogo (a), em contexto de Educação Infantil, estímulo a visitas em museus, de forma a incluir esses espaços em sua prática pedagógica entendendo-os como importantes para a constituição arte-educativa e um direito da criança pequena?

Ressalta-se que para tanto, a pesquisa identificou através das coletas de dados em questionário e entrevista das 3 participantes, o perfil cultural e artístico delas, assim como analisou experiências concretas da sua prática docente, buscando entender sob que lógicas elas são operadas ao se tratar dos museus e da relevância que têm esses espaços na sua vida e do entendimento que elas têm sobre essas instituições para o desenvolvimento crítico e reflexivo, bem como estético, histórico e cultural da criança pequena.

As 3 professoras que foram escolhidas para a pesquisa contribuíram com suas experiências profissionais e práticas docentes na Educação Infantil em instituições escolares da rede pública e rede privada, sendo duas professoras atuantes na rede pública e uma na rede privada. As profissionais foram eleitas para pesquisa, pois trazem informações consideradas necessárias ao desenvolvimento deste estudo e que abarcam as experiências pessoais e profissionais, as subjetividades e particularidades do contexto social, cultural e das suas diferenciadas práticas

docentes e neste sentido contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa (LARROSA BONDÍA, 2002)

As respostas em questionário e entrevistas apontam de modo geral que as participantes compreendem o museu como espaço de contribuição social e cultural. No entanto, há pouca aproximação com esses espaços e percebe-se que seguem distantes dessas instituições, o que revela certa restrição na formação docente das professoras em pesquisa, assim também como a experiência com esses espaços desde a infância.

Ainda sobre a prática das professoras, durante a pesquisa, no momento em que as entrevistas e os questionários foram analisados, foi identificada a necessidade dos (as) Pedagogos (as) assumirem um engajamento político, principalmente das escolas da rede pública, a fim de se buscarem recursos e se articularem com os espaços museológicos para garantir a acessibilidade da criança pequena nos museus.

É perceptível que existe certa falta do que Freire (1967, 1996) e Hooks (2013) conceituam como Pedagogia Engajada por parte das docentes que desejam incluir os museus no seu planejamento pedagógico para garantir o acesso das crianças nessas instituições, pois é minimamente imprescindível tentar se articular, propor em seu planejamento e projetos educacionais visitas aos museus, se organizando, contatando instituições culturais que garantam o transporte, mobilizando a gestão escolar e o poder público para buscar ocupar esses espaços com as crianças pequenas.

Considera-se importante atribuir um certo déficit na formação inicial docente que inclua os museus como espaços educacionais, durante o curso das licenciaturas, através de componentes curriculares que tratem de forma mais substancial a importância da relação dessas instituições e a escola e também estimulem visitas dos profissionais licenciados em formação a esses espaços, pois a falta disso tem como consequência uma certa condescendência aos empecilhos proporcionados pelo sistema político, pelas desigualdades sociais vivenciadas no Brasil e que reverbera nos espaços escolares da rede pública.

Como resultado, a pesquisa também apresenta em relação ao ensino das artes que, a educação básica tem se centrado em uma formação tecnicista, para o mercado de trabalho, a produção em massa, para o capitalismo, e isso contribui para a coisificação e desumanização da sociedade contemporânea.

Também foi possível perceber que é importante que as professoras e, em geral, profissionais educadores que trabalham com a infância, entendam a atual

concepção de criança e infâncias, compreendendo-as como seres plurais, diversificados, com realidades sociais diferenciadas, sujeitos sócio históricos, produtores de cultura e com direitos para não correr o risco de reproduzir uma visão adultocêntrica sobre o que são as infâncias.

Considera-se indispensável que as atividades arte-educativas tanto no espaço do museu como nas escolas, respeitem os quatro eixos estruturantes das culturas das infâncias descritas por Sarmiento (2004) “Reiteração, a Fantasia do real, a Ludicidade, e a Interatividade” com a finalidade de permitir que as crianças se sintam acolhidas, entendidas e que a construção do conhecimento em ambas instituições aconteça de forma a respeitar as necessidades de desenvolvimento da criança pequena, pois é através desses quatro eixos que as crianças interagem com o mundo. Os museus como centros de educação também precisam adaptar seus espaços e a sua linguagem informativa, educativa de forma a possibilitar o acesso dessas crianças de forma satisfatória e inclusiva, assim como os (as) Pedagogos (as) precisam se articular e planejar juntamente com os educadores culturais as visitas das crianças nos museus e desta forma garantir que a sua proposta pedagógica tenha uma intencionalidade que alcance positivamente a construção do conhecimento das crianças pequenas (LEITE, 2007 apud GABRE, 2019).

Outro ponto discutido na pesquisa e que se faz de significativa relevância na prática pedagógica dos educadores da Educação Infantil, é considerar tanto nas suas propostas como nas atividades pedagógicas o fazer artístico e as possibilidades de percepções de mundo, tanto individualmente como socialmente que podem ser construídas com a arte, pois são valiosas propostas educacionais a serem estimuladas nos centros museológicos e escolares através da utilização de recursos pedagógicos que se proponham a envolver a ludicidade nas suas atividades educativas.

Em suma, diante das reflexões realizadas, a pesquisa conclui que não existe de forma substancial o estímulo à visita aos museus, ao considerar as respostas dadas pelas professoras que se dispuseram a participar do estudo, pois sempre associavam a falta de estrutura para locomover e permitir o acesso das crianças nesses espaços, ou, então, como em um caso específico, reproduziam uma visão adultocentrada sobre o que é acessível ou não as crianças, ou por não terem sido estimuladas a ter acesso a visitar essas instituições na educação formal, inclusive em sua formação docente.

Neste sentido, a pesquisa buscou contribuir como uma produção literária que visa mostrar a necessidade das instituições escolares se articularem com os museus e incluírem esses espaços nos currículos educacionais, assim como em uma urgência de formação inicial mais concreta de professores que foquem os museus para o desenvolvimento e construção do conhecimento das crianças pequenas.

O estudo também teve como objetivo permitir que os professores e educadores que trabalham no contexto das infâncias ampliem sua percepção crítica sobre a atual situação da educação pública do país e que possam desenvolver uma postura política e mobilizadora para garantir os direitos das crianças pequenas no espaço escolar e, conseqüentemente, nos demais espaços de educação não formal, como os museus.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues; CANDIA, Cilene Nascimento. Ensino de Artes em escolas municipais de Salvador- BA: retratos da precarização do trabalho docente. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 41, p. 389-411, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6432>. Acesso em: 19 maio 2022.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Adriza Santos Silva; SANTOS, João Diógenes Ferreira dos. Infância ou infâncias?. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 245-263, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818382017245/pdf>. Acesso em: 19 maio 2022.

BARBOSA, Ana Amalia T. B. Releitura, citação, apropriação ou o quê. *In*: BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. cap. 5, p. 143-149.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BORBA, A. M.; LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. de. Infância. **Sede de Ler**, Niterói, v. 3, n. 1, p. 3-4, out. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 abr. 2022.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 14 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 9 abr. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

CAIXA CULTURAL (Salvador). **Sobre a Caixa Cultural**. Salvador: CAIXA, [20--]. Disponível em: <https://www.caixacultural.com.br/Paginas/Salvador.aspx>. Acesso em: 27 abr. 2022.

CARVALHO, Cristina. Criança menorzinha... Ninguém merece: políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa (org.). **Educação infantil: enfoques em diálogo**. Campinas: Papirus, 2013. p. 295-312.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos Museus. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/ffmjLFQtTPCnMCZpCHgXTpb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 5 jun. 2022.

CRIANÇA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRE, Solange de Fátima. O museu de arte e sua dimensão educativa: em defesa da criança pequena como público. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 1, p.145-168, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7282/4200>. Acesso em: 15 maio 2022.

GABRE, Solange de Fátima. **Para habitar o museu com o público infantil: uma proposta de Formação Colaborativa entre professoras da infância e profissionais do Museu Municipal de Arte de Curitiba**. 2016. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151253/001010712.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HOOKS, Bell. Pedagogia engajada. *In*: HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. cap. 1, p. 25-36.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 74-85, jan./abr. 2006.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e desenvolvimento humano. *In*: MAHEU, Cristina D'Ávila. **Educação e ludicidade**. Salvador: EDUFBA, 2007. (Ensaio, 4).

MARINHO, Vanildo Mousinho; QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. **Contexturas: o ensino das artes em diferentes espaços**. João Pessoa: Editora UFPB, 2005.

PAGNI, Pedro Ângelo. Infância, arte de governo pedagógica e cuidado de si. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 99-123, set./dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13087/10280>. Acesso em: 8 abr. 2022.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino da arte. *In*: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 71-82.

PRESTES, Reulcinéia Isabel. **A educação da criança de 0 a 6 anos no município de Ponta Grossa**: Fundação PROAMOR. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1254/1/Reulcineia.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 3, p. 159-164, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109170/107661>. Acesso em: 17 maio 2022.

SANTIN, Silvino. **Educação física: da opressão do rendimento à alegria do lúdico**.

Porto Alegre: EST edições, 1994.

SANTOS, Maria Célia Moura. **Museu, escola e comunidade**: uma integração necessária. Salvador: Bureau, 1987. 215 p.

SANTOS, Maria Emília Tagliari. **Bebês no museu de arte**: processos, relações e descobertas. 2017. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SÃO PAULO. Secretaria de Cultura e Economia Criativa. **O Museu Catavento**. São Paulo: SEC, [20--]. Disponível em: <https://museucatavento.org.br/quem-somos>. Acesso em: 12 maio 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. **Cadernos do Noroeste**, Braga, v. 13, n. 2, p. 145-164, 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCH, Rita de Cássia. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica. **Configurações**: Revista de Sociologia, Braga, v. 4, p. 91-113, 2008.

SELLI, Paula Hilst. **Crianças, museus e formação de público em São Paulo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

APÊNDICE A - Protocolo de Pesquisa



Protocolo de Pesquisa UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAGED/ UFBA

Salvador, ____ de _____ de 2022. Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulada: A CRIANÇA NO MUSEU: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DAS INFÂNCIAS orientada pela prof. Dr.^a Samira da Costa Sten. Guia-se pela questão: como os Pedagogos desenvolvem, em sala de aula, as vivências que as crianças adquirem ao visitar Museus? Considerando a importância desses espaços para o desenvolvimento estético, histórico, cultural e artístico das mesmas. O estudo busca compreender como o Pedagogo estimula e desenvolve a apreciação artística, na constituição arte-educativa da criança em contato com espaços museológicos. É parte dos objetivos dessa pesquisa analisar experiências concretas da prática docente e sob que lógicas elas são operadas. Perfil do Pesquisador: Nome: Cláudia Lúcia Pereira Grego; Endereço: Rua Nardy Müller da Costa, nº 180, casa 5, Campo Comprido, Curitiba/ PR; Telefone: 41 997-197604; E.mail: rosaylilas@gmail.com; Profissão: Museóloga e estudante de Pedagogia na Universidade Federal da Bahia. Nosso interesse é proporcionar a abertura do diálogo com o Pedagogo no contexto da Educação Infantil para entendermos a matriz da experiência docente neste contexto. Será um Estudo de Caso de natureza qualitativa com questionário e entrevistas semiestruturadas, aplicados de forma remota, propomos uma pesquisa com duração aproximadamente de quatro a cinco meses (março de 2022 a junho de 2022).

Assinatura da pesquisadora _____

Salvador, ____ de _____ 2022

Assinatura da Orientadora _____ de _____ 2022

Salvador, _____

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAGED/UFBA

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresento aos professores, técnicos pedagógicos, as crianças e aos demais funcionários, o projeto de pesquisa: A CRIANÇA NO MUSEU: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA INFÂNCIAS, de autoria da graduanda de Pedagogia: Cláudia Lúcia Pereira Grego, sob orientação da prof. Dr.^a Samira da Costa Sten, como recomendação para a realização da graduação da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FAGED/ UFBA. Esta pesquisa tem como objetivo compreender no contexto da Educação Infantil, como o Pedagogo estimula e desenvolve a apreciação artística, na constituição arte-educativa da criança em contato com espaços museológicos. Utilizaremos como metodologia o estudo de caso de natureza qualitativa e recorreremos aos seguintes instrumentos de coleta de dados: 1) aplicação de questionário e 2) entrevista semiestruturada de forma remota. Propomos assim, uma pesquisa que se volte à constatação de práticas que se aproximem do anúncio da valorização das experiências docentes, construídas no cotidiano escolar. Esta pesquisa será desenvolvida em um prazo de aproximadamente quatro a cinco meses (março de 2022 a junho de 2022).

Esta investigação seguirá os padrões éticos de pesquisas com seres humanos, não tem fins lucrativos, mas poderá haver publicação do material em espaços acadêmicos, a participação dos sujeitos que com ela contribuirão será voluntário.

Eu _____ fui informado da pesquisa e dos procedimentos da pesquisa. Concordo em participar do projeto a ser desenvolvido pela pesquisadora

Assinatura do participante _____

RG. _____

Salvador, _____, de 2022.

Atenciosamente,

APÊNDICE C - Termo de consentimento de divulgação de imagem e entrevista

Termo de Consentimento de divulgação de imagem e entrevista. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED/ UFBA

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DIVULGAÇÃO DE ENTREVISTA.

Responsável: Cláudia Lúcia Pereira Grego

Justificativa: Como estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia da Faculdade de Educação FAGED/UFBA, apresento minha temática de pesquisa voltada a compreender as práticas docentes do Pedagogo que atua na Educação Infantil e no 1º ano do Fundamental 1 do município de Salvador/ BA, com objetivo de analisar como se desenvolve a prática docente do Pedagogo dentro do contexto arte-educativo, e de estímulo a apreciação estética, artística, cultural e histórica da criança.

Descrição dos procedimentos metodológicos: aplicação de questionário através do “google forms” e entrevistas semiestruturadas também realizadas de forma remota, que serão disparadores do momento de interação entre os sujeitos da pesquisa e a pesquisadora, as entrevistas se centrarão nas falas e no posicionamento do entrevistado. Será gravada para facilitar a transcrição das informações concedidas no momento da entrevista.

Aspectos Éticos: Esta entrevista segue rigidamente todos os protocolos de pesquisa e não representa risco de qualquer natureza para o entrevistado, sem fins lucrativos, porém se integrará ao trabalho de conclusão de curso e poderá ser divulgada em meio acadêmico. Encontra-se em conformidade com as Resoluções 196/96/CNS e 016/2000/CFP, que regulam a ética de pesquisa com seres humanos.

Identificação do participante e/ou responsável:

Nome: _____

RG: _____

CPF: _____

Estou de acordo com o presente termo e autorizo a divulgação da entrevista concedida. Dessa forma, _____ assino _____ esse termo.

Participante

Salvador–BA, _____ de _____ de 2022.

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista semiestruturada para os professores da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do Município de Salvador/BA

Roteiro de entrevista semiestruturada: Professores da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do Município de Salvador/BA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO Cláudia Lúcia Pereira Grego, graduanda de Pedagogia.

Entrevista

Com o intuito de entendermos os caminhos construídos e percorridos nas práticas docentes dos professores da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do município de Salvador/BA nos propomos estabelecer um processo de interlocução com os responsáveis.

Entrevista: Professores da Educação Infantil e 1º ano do Fundamental 1

1. Enquanto Pedagogo (a) você acredita ser necessário estimular as crianças a visitarem Museus? Por favor, justifique a resposta.
2. Você já propôs no seu planejamento pedagógico levar sua turma para visitar Museus? Por favor, justifique a sua resposta, em caso de resposta afirmativa especifique quais foram as instituições museológicas?
3. Você já levou sua turma para visitar museus? Quais foram? Conte um pouco da sua experiência com as crianças no espaço do Museu e como desenvolveu essas vivências obtidas pelas crianças em sala de aula? Se não levou, por favor, justifique sua resposta.
4. Durante a pandemia, você estimulou ou apresentou as crianças da sua turma algum Museu on-line?
5. Você busca conversar e articular seus conhecimentos pedagógicos com os conhecimentos dos professores das artes, a fim de trazer no seu planejamento pedagógico uma abordagem artística? Por favor, explique sua resposta.
6. Você considera importante articular as aprendizagens voltadas ao ensino das artes, como a exemplo, a apreciação estética, artística, histórica e reconhecimento da identidade cultural da criança na Educação Infantil? Por favor, justifique sua resposta.

7. Em caso de instituição escolar pública, existe algum projeto da Secretária de incentivo a visita em Museus?
8. A instituição escolar, na qual você trabalha, se articula e interage com os Museus afim de buscar recursos para visitar esses espaços de educação não formal?
9. Quais documentos legais e bibliográficos você costuma utilizar para referenciar suas propostas pedagógicas no que tange ao seu trabalho com a arte na Educação Infantil ou no 1º ano do Fundamental 1?
10. Você acredita ser um desafio levar crianças para visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

APÊNDICE E - Questionário para os professores da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do Município de Salvador/BA

Questionário para os professores da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do Município de Salvador/BA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Cláudia Lúcia Pereira Grego, graduanda de Pedagogia.

Questionário para os professores da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do Município de Salvador/BA. Desde já agradecemos sua contribuição em participar dessa pesquisa. Esta pesquisa visa compreender como os Pedagogos desenvolvem as vivências que as crianças adquirem ao visitar os espaços museológicos em sala de aula no contexto da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental 1 do município de Salvador/ BA.

I. QUESTÕES PARA IDENTIFICAR A RELAÇÃO PEDAGOGO ARTE E CULTURA

1. Para você o que é Museu?
2. Você gosta e costuma visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.
3. Quantos e quais Museus brasileiros você conhece ou já visitou?
4. Pessoalmente, você considera importante visitar Museus? Por favor justifique sua resposta.
5. Você conhece ou já visitou um Museu on-line?

APÊNDICE F – Respostas do questionário - Professora 1

1. Para você o que é Museu?

"Museu é uma casa cultural que abriga obras de arte a fim de que a população possa apreciar, interagir e imergir em determinado "universo".

2. Você gosta e costuma visitar museus? Por favor, justifique sua resposta.

"Sim, é sempre interessante perceber o mundo sob a ótica de um artista. Seja sobre o passado, o presente ou o futuro, a cada visita a um Museu, eu aprendo algo diferente."

3. Quantos e quais Museus brasileiros você conhece ou já visitou?

"A cada viagem, tento separar um dia para conhecer museus. Aqui em Salvador, conheço o MAM, Palacete das Artes, Museu Náutico. Também já visitei museus como o MIS em SP, Pinacoteca, Catavento, Museu Afro Brasil, Japan House."

4. Pessoalmente, você considera importante visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

"Muito. É uma imersão que vai para muito além do que está ali exposto. É uma experiência em nós mesmos."

5. Você conhece ou já visitou um Museu on-line?

"Já visitei, mas não é algo para mim. Não me prende. Mas acho importante, talvez seja o único meio de que determinadas pessoas possam acessar estes espaços."

APÊNDICE G - Transcrição da entrevista - Professora 1

1. Enquanto Pedagogo (a) você acredita ser necessário estimular as crianças a visitarem Museus? Por favor, justifique a resposta.

Primeira pergunta, não sou pedagoga, sou formada em letras, mas trabalho com educação infantil como se eu fosse pedagoga, né? Porque eu dou aula em uma escola bilíngue, dou aula na escola bilíngue, então eu sou pedagoga só que em inglês né? Metade da aula é comigo, metade da aula com a professora de português. Então eu tenho essa experiência de pedagoga, né? E sim, acho sim necessário estimular as crianças a visitarem museus, muito importante, né? De que pessoas de todas as idades conheçam o museu, tenham acesso a esse ambiente, porque é o lugar que a gente respira cultura, né? E respirar cultura é sempre muito importante pro nosso desenvolvimento.

2. Você já propôs no seu planejamento pedagógico levar sua turma para visitar Museus? Por favor, justifique a sua resposta, em caso de resposta afirmativa especifique quais foram as instituições museológicas?

Não, nunca propus no meu planejamento levar pra museu, porque eu sempre quando penso nisso né? Em um rolê cultural, sempre penso em levar essas crianças pra teatro, pra circo e como são muito pequenininhos, né? Os meus são grupo 2. Aqui em Salvador não tem um ambiente, tipo assim em São Paulo tem o "Museu Catavento" que seria legal pra eles, tem umas partes bem legais que servem pra eles, pra o grupo dois, mas eu acho que aqui em Salvador não tem o ambiente assim que seja tão atrativo pros bebezinhos.

3. Você já levou sua turma para visitar museus? Quais foram? Conte um pouco da sua experiência com as crianças no espaço do Museu e como desenvolveu essas vivências obtidas pelas crianças em sala de aula? Se não levou, por favor, justifique sua resposta.

A profissional 1 respondeu a terceira pergunta juntamente com a segunda.

4. Durante a pandemia, você estimulou ou apresentou as crianças da sua turma algum Museu on-line?

Enfim durante a pandemia você estimulou, apresentou às crianças a sua turma, algum museu online? Eu não, uma colega minha apresentou. Ela apresentou pras crianças maiores de primeiro e segundo ano e eles amaram, eles adoraram a experiência, mas como eu falei, os meus são bem pequenos então não tem nem como, eu acho que não tem nem como. Eu não encontrei nenhum recurso assim que fosse atrativo pra eles.

5. Você busca conversar e articular seus conhecimentos pedagógicos com os conhecimentos dos professores das artes, a fim de trazer no seu planejamento pedagógico uma abordagem artística? Por favor, explique sua resposta.

Quinta pergunta, você articula os conhecimentos pedagógicos com o conhecimento dos professores? Sim, sim. Lá na escola é tudo muito conectado, então, os professores de música, make, tudo, é muito conectado e a gente pensa sempre na proposta. Por exemplo, agora estamos na semana do bullying, e todos os professores falam sobre bullying e claro, adequado pra idade né? Então os meus pequenininhos a gente conversa que não pode morder não pode bater né? Mesma coisa quando está na semana de arte, fala sobre livros, tudo pensado pra cada idade. Então assim eu articulo e é muito bem articulado isso. Funciona bastante.

6. Você considera importante articular as aprendizagens voltadas ao ensino das artes, como a exemplo, a apreciação estética, artística, histórica e reconhecimento da identidade cultural da criança na Educação Infantil? Por favor, justifique sua resposta.

Extremamente importante articular as aprendizagens do ensino da arte pras crianças da educação infantil desde os bebezinhos, é importante que eles tenham acesso a todos os tipos de manifestação artística. Muito, muito, muito importante.

7. Em caso de instituição escolar pública, existe algum projeto da Secretária de incentivo a visita em Museus?

Eu não ensino em instituição pública, mas minha sogra sim. E é sempre muito frustrante essa questão aí de visitar, de conhecer locais, não só museu como qualquer lugar. E ela tenta bastante, mas assim, é bem complicado, eles não tem recurso pra isso e não tem incentivo da Prefeitura.

8. A instituição escolar, na qual você trabalha, se articula e interage com os Museus a fim de buscar recursos para visitar esses espaços de educação não formal?

Sim, a escola que eu trabalho sim, porém isso é mais pensado pras crianças maiores, os do ciclo um e grupo um, dois, três eles não, é por causa da pandemia também, é muito difícil eu falar com certeza porque eu não estive lá antes da pandemia né? Mas agora que as coisas estão mais flexíveis até então, os pequenininhos não foram visitar museus.

9. Quais documentos legais e bibliográficos você costuma utilizar para referenciar suas propostas pedagógicas no que tange ao seu trabalho com a arte na Educação Infantil ou no 1º ano do Fundamental 1?

Não soube responder.

10. Você acredita ser um desafio levar crianças para visitar Museus? Por favor,justifique sua resposta.

Olha a décima questão, isso é uma pergunta muito relativa porque depende muito do grupo né? Tem grupos e grupos, eu acredito que se houver uma conversa antes sobre o respeito que precisa ter com o ambiente e todas essas coisas assim eu acho que pode ser que essas crianças consigam se divertir, elas consigam aprender e consigam apreciar o espaço do museu. E ele tem que ser visto como algo benéfico pras crianças, em que elas vejam e que com que elas percebam que é um ambiente legal pra elas, que é um ambiente que vai fazer com que elas se desenvolvam, que ela cresçam e não como uma coisa chata, né? Então tudo precisa ser conversado antes, então acredito que depende muito do perfil da turma. Mas não acho que seja um desafio, não. Se bem conversado, se bem explicado a razão, e se for algo que se adeque a idade das crianças, é claro que sim, né? Tem museu que talvez não funcione pra crianças de sete, seis anos. Aí você vai ter que levar no museu que desperte o interesse delas.

APÊNDICE H - Respostas do questionário - Professora 2**1. Para você o que é Museu?**

"Um lugar que guarda relíquias, objetos importantes para a história da sociedade ou arte que fazem as pessoas refletirem sobre algo."

2. Você gosta e costuma visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

"Não tenho costume de visitar museus."

3. Quantos e quais Museus brasileiros você conhece ou já visitou?

"Poucos. Museu da criança, MAM, Museu de Arte moderna da Bahia."

4. Pessoalmente, você considera importante visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

"Acho importante pra podermos refletir sobre nossa história em diversos temas e aspectos, porém não vejo muito incentivo para isso em nossa cultura."

5. Você conhece ou já visitou um Museu on-line?

"Não".

APÊNDICE I - Transcrição da entrevista - Professora 2

1. Enquanto Pedagogo (a) você acredita ser necessário estimular as crianças a visitarem Museus? Por favor, justifique a resposta.

Então, eu acho sim, importante que o professor estimule as crianças a conhecerem o museu, né? Esse espaço cultural, sendo que é importante pensar na realidade de cada espaço, ou seja, né? Escolas públicas, por exemplo, tem uma realidade diferente. Então, tem uma dificuldade maior pra visitas presenciais, né? E hoje em dia como já tem a possibilidade de museus online e presenciais, né? Então o museu online, ele abre um leque de possibilidades pra esses lugares, essas escolas que não tem a possibilidade de visitarem presencialmente, muitas vezes né? Então é importante, sim e dessa forma as crianças podem ter descobertas, reflexões sobre a existência dependendo de qual exposição elas estejam participando ou pesquisando, né? Ou presenciando, ou visitando e acho que dessa forma isso contribui, né? Para valorização do patrimônio cultural.

2. Você já propôs no seu planejamento pedagógico levar sua turma para visitar Museus? Por favor, justifique a sua resposta, em caso de resposta afirmativa especifique quais foram as instituições museológicas?

Sobre propor no meu planejamento a visita a museus? Sim, sim já fiz essa proposta no planejamento, aproveitando um convite da Caixa Cultural, né? Ao seu espaço. Então coloquei no meu planejamento de acordo com a exposição que estava acontecendo no momento, então, a gente fez, propôs a pesquisa inicial, a visita e logo depois o sentimento né? De cada um né? A conclusão da atividade. Então, sim propus, no meu planejamento, sendo que pra planejar esse tipo de atividade a gente na escola pública, nesse caso né? De escola pública né? A gente precisa esperar algumas oportunidades, ou esperar, ou então procurar algumas oportunidades. Então nessa oportunidade que a gente já aproveitou pra poder inserir no planejamento essa visita.

3. Você já levou sua turma para visitar museus? Quais foram? Conte um pouco da sua experiência com as crianças no espaço do Museu e como desenvolveu essas vivências obtidas pelas crianças em sala de aula? Se não

levou, por favor, justifique sua resposta.

Então... Na pergunta três né? Sobre a experiência e da visita ao museu a gente foi no museu da Caixa Cultural né? Nesse espaço, e aí a gente foi ver, tinham duas exposições, quando a gente foi fazer essa visita e a gente estava com o tema de poesia. E aí as exposições eram "Poesia Agora" e "Tome Otaki. Cor e Corpo" e aí a gente primeiro na sala de aula, a gente focou no tema poesia, então a gente trabalhou esse tema por alguns dias, fez pesquisa, o que as crianças achavam que era que significava poesia, a gente pediu pra que eles trouxessem poesias que eles gostavam, mandamos uma pesquisa pra casa né? Pra que a família falasse sobre o significado de poesia pra cada família, algumas respondem, outras não, poucas respondem na verdade e aí a gente foi fazer essa visita. Esse espaço da Caixa nessa exposição foi voltada pra crianças menores, né? Aí eles tiveram... tinha uma pessoa lá pra poder falar sobre a exposição e fazer algumas dinâmicas né? De questionário, eles tinham giz pra poder as crianças expressarem através do desenho o que elas estavam sentindo com relação ao que elas viram, né? Em alguns locais, algumas salas. E no final, eles também tiveram um momento de conversa lá com a pessoa que estava guiando. E quando a gente volta pra escola a gente faz o trabalho de lembrança sobre como foi o passeio, o que as crianças acharam, e fazer a relação do que a gente viu em sala de aula e o que a gente viu no museu. Geralmente a gente faz assim com relação às visitas né? Então primeiro na sala, depois faz a visita e depois da visita a gente retoma, né? Retoma com a turma pra poder perceber o que eles sentiram, como que é a percepção deles com relação ao que eles viram né? Em relação a visita. Então é basicamente isso.

4. Durante a pandemia, você estimulou ou apresentou as crianças da sua turma algum Museu on-line?

Então... sobre o museu online, a gente não utilizou o museu online na pandemia até porque a gente tinha dificuldade de manter as aulas na pandemia de forma remota por conta da realidade dos nossos alunos, né? Da dificuldade com relação ao acesso à internet. Então a gente não utilizou, não.

5. Você busca conversar e articular seus conhecimentos pedagógicos com os conhecimentos dos professores das artes, a fim de trazer no seu planejamento pedagógico uma abordagem artística? Por favor, explique sua

resposta.

É... Com relação a articular o meu planejamento com o professor de artes, não, não faço isso porque lá na escola a gente não tem professor de artes, é uma escola de crianças pequenas né? O grupo maior é o grupo cinco, é... então não, a gente não faz essa articulação por conta né? Da falta do profissional. A gente costuma ter uma coordenadora que ajuda com relação ao planejamento e aí é dessa forma que a gente faz. Não tem professor de artes, não.

6. Você considera importante articular as aprendizagens voltadas ao ensino das artes, como a exemplo, a apreciação estética, artística, histórica e reconhecimento da identidade cultural da criança na Educação Infantil? Por favor, justifique sua resposta.

Então... Eu acho importante, sim articular as aprendizagens voltadas ao ensino das artes. Um exemplo de uma atividade que a gente faz, com essa articulação, é a releitura. É isso? A gente faz a releitura, por exemplo, de uma obra de Tarsila do Amaral, Monet, o Romero Brito, por exemplo, então nessas atividades a gente faz sim, entre outras, a gente faz outras atividades que dá, que consegue, então dentro das possibilidades que temos, sim, fazemos.

7. Em caso de instituição escolar pública, existe algum projeto da Secretária de Incentivo a visita em Museus?

É... Sobre o projeto da Secretaria de Educação né? De incentivar a visitar os museus, eu desconheço se houve não conheço. Então eu trabalho assim em escola pública mas não conheço nenhum projeto da Prefeitura, nem da secretaria relacionado a visita a museus. Não, eu desconheço.

8. A instituição escolar, na qual você trabalha, se articula e interage com os Museus a fim de buscar recursos para visitar esses espaços de educação não formal?

É... sobre a interação com os museus né? Afim de buscar recurso pra visitar esses espaços, o único espaço que a gente mantém um contato maior assim por conta da possibilidade que temos por conta de ser escola pública é a Caixa Cultural. Não conheço mais nenhum outro espaço assim cultural, nenhum museu que tenha essa interação lá com a escola ou com uma escola, que eu saiba não.

9. Quais documentos legais e bibliográficos você costuma utilizar para referenciar suas propostas pedagógicas no que tange ao seu trabalho com a arte na Educação Infantil ou no 1º ano do Fundamental 1?

É sobre os documentos legais, o que a gente utiliza como base lá na escola seria o Referencial Curricular Municipal para Educação Infantil de Salvador e que ele está relacionado a BNCC. Na parte de Educação Infantil.

10. Você acredita ser um desafio levar crianças para visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

É... Sobre o desafio né? De levar crianças pra visitar museus, na minha opinião, na realidade em que eu vivo atualmente seria a logística, a logística pra levar as crianças no caso, né? De escola pública. O transporte que não é oferecido pela prefeitura e não existe, é não existe ônibus disponível para passeios então eles acontecem quando os políticos oferecem o transporte ou de forma esporádica, não existe uma formalidade pra licitação desse transporte, não que eu conheça, eu desconheço né? Então acho que a dificuldade seria o transporte. Mas assim, né? Em relação a atividade, a vivência em si ela é possível fazer, sim, dá pra articular com os temas mais específicos, os temas do referencial curricular sim. Dá pra gente articular, o nosso desafio seria a visita presencial por conta do transporte mesmo.

APÊNDICE J - Respostas do questionário - Professora 3

Profissional 3: É formada em Pedagogia, possui especialização em Educação Infantil e mestrado em Estudos étnicos e africanos. Têm experiência com Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 e Educação de Jovens e Adultos. Trabalhou com oficinas artísticas em escolas da rede pública e como Coordenadora Pedagógica.

Sobre o questionário com 5 perguntas, a professora respondeu o seguinte:

1. Para você o que é Museu?

"Para mim, Museu, falando de uma forma bem objetiva, é um espaço que registra a história e manifestações culturais da humanidade."

2. Você gosta e costuma visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

"Eu amo. Desde criança tenho o costume de visitar exposições e a frequência só aumentou com o passar dos anos."

3. Quantos e quais Museus brasileiros você conhece ou já visitou?

"Em Salvador: Museu Afro, Museu de Arte Sacra, MAB, Museu Carlos Costa Pinto (quando era criança), Museu Rodin, Museu da Caixa, A Casa do Rio Vermelho (museu de Jorge Amado e Zélia Gattai) MAM; etc.

Na ilha de Itaparica, visitei a Fortaleza de São Lourenço com os alunos do quinto ano (Escola Municipal localizada na ilha).

Em Fortaleza tive a oportunidade de visitar o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura."

4. Pessoalmente, você considera importante visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

"Muito importante porque como comentei na primeira pergunta deste questionário, os museus são espaços onde podemos encontrar registros materiais ou orais da nossa história."

5. Você conhece ou já visitou um Museu on-line?

"Sim. Já visitei o museu Thyssen-Bornemisza e o museu do Prado (Madri, Espanha) e Louvre, Museu da Fala e o museu da Língua Portuguesa."

As respostas apresentadas pela profissional 3 permitem afirmar que a mesma possui uma relação bastante positiva com as instituições museológicas, ela mostra que os museus são espaços presentes na vida dela, desde a sua infância e ainda acrescenta que o gosto por visitar e conhecer essas instituições só aumenta. A profissional compreende os museus como espaço de memória, ao mencionar que o mesmo "registra a história e manifestações culturais da humanidade."

A profissional 3 conhece uma quantidade significativa de Museus em Salvador e isso se estende a região da Ilha de Itaparica, onde ela trabalhou em uma escola pública como Coordenadora pedagógica, mostra já ter utilizado em sua prática docente o estímulo a visita em museus, quando menciona: "Na ilha de Itaparica, visitei a Fortaleza de São Lourenço com os alunos do quinto ano (Escola Municipal localizada na ilha)". Isso mostra que quando se é estimulado desde criança a visitar museus, a sua apreciação e vontade de conhecer esses ambientes só é ampliada, bem como seu repertório cultural, artístico e educativo, desta forma a Pedagoga tem consciência da força cultural e artística que tem esses espaços para o desenvolvimento do ser humano. Quem é estimulado a visitar museus, assim o faz também, estimula outras pessoas, e isso se mostra mais interessante ao se tratar de uma profissional da educação. Sobre os museus on-line, a profissional 3 parece ter gostado da experiência em visitar museus desta forma, pelo fato de conhecer uma certa quantidade, inclusive de museus internacionais.

APÊNDICE K - Transcrição da entrevista - Professora 3

1. Enquanto Pedagogo (a) você acredita ser necessário estimular as crianças a visitarem Museus? Por favor, justifique a resposta.

Sim, eu acredito que é muito importante estimular as crianças a visitarem museus porque os museus, eles são o registro da nossa história, da nossa cultura e é importante que as crianças comecem a compreender um pouco sobre a história delas, né? Sobre a história do país, onde elas vivem, eu acho que os museus são os lugares indicados para trabalhar sobre isso com as crianças, né?

2. Você já propôs no seu planejamento pedagógico levar sua turma para visitar Museus? Por favor, justifique a sua resposta, em caso de resposta afirmativa especifique quais foram as instituições museológicas?

Então... sim, eu já propus no meu planejamento pedagógico levar a minha turma, né? As crianças pra visitarem os museus, só que na época não foi. Eu até fiz um trabalho com crianças maiores do quinto ano, a gente foi pro museu na Ilha de Itaparica, no museu que falava sobre o processo de escravização e tal, mas com as crianças menores eu não consegui.

3. Você já levou sua turma para visitar museus? Quais foram? Conte um pouco da sua experiência com as crianças no espaço do Museu e como desenvolveu essas vivências obtidas pelas crianças em sala de aula? Se não levou, por favor, justifique sua resposta.

Então... como eu falei na resposta anterior, na pergunta anterior, que foi a pergunta dois, eu não consegui levar as crianças pra visitar os museus. É porque eram crianças muito pequenas e tinha essa coisa de pedir autorização dos pais e tudo isso. É isso, foi por isso. As crianças eram pequenas e eu trabalhando na Ilha, na Ilha são pouquíssimos os museus, tem um museu na Ilha de Itaparica. E se eu quisesse levar as crianças para algum museu, para outros museus que não falassem da escravização como é o museu que tem na Ilha de Itaparica, que agora eu não me lembro o nome, eu teria que ir pra Salvador, então seria um processo tipo... seria uma saga sair da ilha e levar as crianças pra Salvador, pegar a lancha ou ferry boat essas coisas né? Sair da região deles ia ser muito, muito complicado.

4. Durante a pandemia, você estimulou ou apresentou as crianças da sua turma algum Museu on-line?

A profissional não trabalhou no período da pandemia.

5. Você busca conversar e articular seus conhecimentos pedagógicos com os conhecimentos dos professores das artes, a fim de trazer no seu planejamento pedagógico uma abordagem artística? Por favor, explique sua resposta.

Então... é a quinta questão. Desde o momento que eu decidi fazer Pedagogia, eu pensei em trabalhar com arte-educação porque eu passei toda a minha adolescência no CRIA que é o “Centro de Referência Integral de Adolescentes” e ali eu fiz teatro e também participei de um grupo de poesia. O objetivo do CRIA era apresentar nos bairros e nas escolas de Salvador os espetáculos, né? Então depois que a gente apresentava os espetáculos a gente fazia debate com as pessoas, com os espectadores e era muito interessante, era uma troca bem interessante. Além disso, a gente tinha que fazer projetos sociais nos bairros e onde a gente morava, né? Então eu sempre me envolvi com essa questão da arte-educação sempre dei oficina de poesia, de teatro, mas não era um teatro como é de teatro, né? Assim... era um teatro mais voltado pra arte-educação mesmo. Então quando eu decidi fazer Pedagogia eu já entrei no curso com essa ideia na cabeça, querendo revolucionar tudo, né? Bem romântica. O que aconteceu? Nos estágios e durante a faculdade todos os projetos que eu participei, eu trabalhava com essa vertente da arte-educação né? Utilizando as linguagens artísticas como, o teatro, a música, a poesia com temas relacionados ao que a gente tinha que fazer oficinas em vários bairros populares de Salvador com temas relacionados ao que eles viviam, o que a gente vivia, porque eu também soude origem popular. Então, me identificava muito com esses jovens e essas crianças, né? Isso dentro da universidade. Então, quando eu comecei a trabalhar como Coordenadora Pedagógica nessa escola, é uma escola né? Porque existe a escola municipal na ilha e de Conceição ali naquela região do Mar Grande tal, tem várias ilhas ali e essa escola ela faz parte da localidade de Conceição.

Nessa escola eu fiz um projeto né? Pedagógico com as professoras e tal que tinha como premissa o capital cultural de Pierre Bourdieu. Por que isso? Justamente porque o Pierre Bourdieu era ele que fazia as viagens, né? Tudo que a gente faz, todo o repertório cultural que a gente tem ajuda a gente. Não sei, a palavra, não seria evoluir,

mas seria enriquecer né? A nós mesmos, né? A nossa identidade como ser humano. Então eu sabia que aquelas crianças que estavam ali naquela escola, muitas nunca tinham ido a Salvador, foram só para comprar, não foram para Salvador pra entrar em contato com a cultura pra ir aos museus nada disso. Então sabia que era importante nesse projeto, realidades diferentes né? E mostrar pras crianças realidades diferentes e também trabalhar com essa questão da arte né? Através de linguagens da arte em geral como teatro, a poesia a fim de que essas crianças enriquecessem esse repertório cultural delas.

Então o projeto que eu pensei foi através de vídeos né? De diferentes filmes que abordassem temas como a infância, mais filmes mais artísticos, musicais e tal que abordassem temas que fizessem parte do universo daquelas crianças, mas também que mostrassem pra elas que existe uma diversidade no mundo.

Depois a gente tirava um dia na semana pra fazer com cada turma e depois a gente conversava isso com as crianças da educação infantil, a gente fazia atividades né? Dinâmicas com elas, que elas são mais pequenininhas e a forma que elas tinham de se expressar era mesmo através das dinâmicas e tal e foi muito interessante, foi uma experiência muito enriquecedora assim, e eu vi crianças que não queriam falar nada, eu vi que no andamento do projeto essas crianças já se expressavam. Quando a gente fazia temáticas, né? Na escola, por exemplo, do folclore via que essas crianças estavam se expressando, né? Sem vergonha e tal e se expressando das maneiras mais variadas possíveis através de teatro, através de poesia, da pintura e foi muito muito gratificante assim pra mim. O nome do projeto era "Somos todos diferentes"

6. Você considera importante articular as aprendizagens voltadas ao ensino das artes, como a exemplo, a apreciação estética, artística, histórica e reconhecimento da identidade cultural da criança na Educação Infantil? Por favor, justifique sua resposta.

É sexta questão, então eu considero muito importante né? Essa articulação das aprendizagens voltadas ao ensino das artes é muito importante, e a base do meu trabalho era essa mesmo, era articular os conteúdos, né? Das atividades das crianças de educação infantil do primeiro ano com as linguagens, por quê? Porque também é uma forma mais leve e mais lúdica mesmo de trabalhar com isso, né? De trabalhar com os conteúdos ali da grade curricular e tal deles, porque eu acredito que o ensino através da ludicidade, né? Através da arte, ele facilita mais a compreensão, né? Da

apreensão e compreensão dos conteúdos.

Sobre essa questão da apreciação estética, artística, histórica, né? E reconhecimento da identidade cultural da criança na educação infantil, né? Muitas vezes a gente pensa que só porque as crianças são pequenas, são todas iguais. As professoras muitas vezes faziam algumas atividades e queriam que as crianças fizessem tudo igual. Então como a gente trabalhava com esse projeto, as crianças poderiam se expressar e deveriam se expressar da maneira que elas quisessem. Né? Eu lembro de uma atividade que a gente fez que era do dia do folclore e elas tinham que pintar um saci. E aí algumas crianças pintaram um saci de preto, outras pintaram de rosa, amarelo sabe tipo elas tinham uma referência do Saci que o Saci é um personagem negro mas na hora que elas foram se expressar elas tiveram a liberdade de se expressar como elas queriam e eu lembro que trabalhei com a turma do primeiro ano e foi um processo duro pra mim porque a gente trabalhou com aquele livro " Menina Bonita do Laço de Fita" e a professora e eu né? A gente viu que na hora de abrir o debate perguntar o que eles tinham achado da história muitas crianças pretas como a "Menina Bonita do laço de fita" não se identificavam como pretas.

Elas começavam a dizer que a menina era feia e tal, todas essas coisas né? Que nós como pessoas negras ouvimos quando somos crianças, só que no decorrer e tal de várias atividades que a gente ia fazendo com elas a gente percebia através da expressão artística delas, através dos desenhos que elas iam se entendendo como pessoas negras, mas foi um processo bem longo, mas que a gente começou a perceber que elas se aceitavam, o cabelo, a questão do cabelo também é muito importante, como elas iam pra escola, e a minha presença na escola eu acho que houve essa questão da representatividade porque eu ia com o meu cabelo crespo pra escola e no começo os meninos e meninas me chamavam de bruxa, né? E aconteceu um estranhamento. Só que depois eu comecei a perceber que as crianças começaram a mudar, né? A atitude delas em relação me chamando de linda e tal, eu fui conquistando, né? Porque a criança tem que ser conquistada mesmo. Então elas começaram a se identificar, a usar trança no cabelo, a deixar o cabelo solto, com tiara, com lenços. Então foi muito importante, mas essa questão da identidade mesmo delas, cultural, foi através das atividades artísticas que a gente fez né? Da leitura de histórias infantis através dos filmes, através das músicas que falavam sobre isso. E é isso e no começo as professoras me diziam que não achavam que precisava abordar essa temática na escola, porque eu queria fazer um

projeto voltado para a questão mesmo da negritude. Mas as professoras acharam que isso não era importante, que não precisava nada disso. Só que mesmo abrindo o projeto pra essa questão da diversidade cultural. A gente também trabalhava essa questão da negritude então foi muito importante porque a maioria das crianças que frequentavam a escola era negra.

7. Em caso de instituição escolar pública, existe algum projeto da Secretária de Incentivo a visita em Museus?

Então... sétima questão. É... a instituição escolar é pública, em relação a secretaria de educação da ilha e tal não não tinha nenhum projeto de incentivo a museus não. E no projeto pedagógico tinha a questão do trabalho com as atividades lúdicas e artísticas mais voltados especificamente pra visita não tinha nada disso.

8. A instituição escolar, na qual você trabalha, se articula e interage com os Museus a fim de buscar recursos para visitar esses espaços de educação não formal?

Oitava questão. Não, a instituição escolar não articulava, nem interagia com os museus, porque a gente tá falando de um contexto de ilha, né? Na ilha o contexto era totalmente diferente, não, não tinha isso. A gente não, é bom deixar claro que a gente tá falando, da ilha, e naquela região não tem museus, só na parte de Itaparica, e é isso, até existiam alguns espaços culturais nas comunidades né? Na ilha, assim umas atividades culturais, mas a gente não teve nenhuma integração com esses espaços. Aí outra coisa assim que eu me lembrei e uma coisa muito interessante isso pra sétima questão que a secretaria de educação da ilha o que eu fazia eram as formações que os coordenadores passavam e todo mês a gente tinha uma formação e isso era muito importante porque eram informações diversas e formações que estimulavam o tempo todo a questão do trabalho com a ludicidade e as atividades artísticas. Eu adorava essas formações. E foram muito importantes pra mim. Foi, eu acho que um incentivo muito interessante. Não sei se todas as coordenadoras utilizavam isso, mas a gente recebia muito material legal e muita coisa interessante pra trabalhar com essa questão das linguagens artísticas com as crianças.

9. Quais documentos legais e bibliográficos você costuma utilizar para referenciar suas propostas pedagógicas no que tange ao seu trabalho com a

arte na Educação Infantil ou no 1º ano do Fundamental 1?

Poxa um documento que a gente utilizava para trabalhar né? Documentos legais e bibliográficos que a gente costumava utilizar para fazer mesmo essa referência das propostas pedagógicas no que tange o nosso trabalho com a arte-educação infantil eram os referenciais, né? As Diretrizes Curriculares nacionais e o referencial curricular nacional para educação infantil, a gente usava muito isso, eu usava muito com as professoras as diretrizes, esses documentos né? Os documentos de lei mesmo do governo federal também, o Estatuto da Criança e do Adolescente, tudo isso.

10. Você acredita ser um desafio levar crianças para visitar Museus? Por favor, justifique sua resposta.

Última questão. Eu acredito que o desafio é mesmo essa questão da infraestrutura de ter, de conseguir recursos pra essas crianças para os museus. Sabe? Não é falta de vontade, eu acredito que se a gente falar com os os pais iriam aceitar, tudo bem que as crianças são pequenas e tudo, mas eu acho que a questão mesmo foi a falta de recursos, né? De um ônibus, de conseguir lanche, essa questão.

Então... E ainda sobre essa última questão e também essa coisa eu estou falando de mim, né? Eu estou falando de meu contexto pessoal porque pra muitos educadores e pra muitas pessoas no Brasil que não tem esse incentivo a cultura e visitar museus não é uma coisa importante então falando da minha bagagem pessoal, né? Eu desde criança frequento espaços artísticos, frequento museus, minhas irmãs me levavam, eu tive a oportunidade de estudar numa escola na qual a gente ia pra museus e também pra espetáculos teatrais, isso me encantava, isso me encantava.

E também depois na adolescência eu fiz parte de um centro né? De uma ONG que trabalhava com essa questão das linguagens artísticas e educação. Eu entrei na Universidade de Pedagogia querendo trabalhar com arte-educação. Na universidade os projetos que eu trabalhei, eu sempre propunha essa questão mesmo das linguagens artísticas né? Pra trabalhar as crianças e adolescentes dos bairros que a gente fazia as oficinas depois da universidade eu tive a oportunidade de viajar. E eu conheci museus na Espanha, na França então eu sou uma pessoa que tenho um repertório, né? Um capital cultural assim e por isso que eu sei o quanto né? É importante trabalhar isso desde criança o quanto é importante fazer com as criancinhas, né? Com as criancinhas de educação infantil que entrem em contato com as linguagens artísticas, elas entendam que o museu é um espaço importante.

Até hoje a gente escuta um ditado de que: ai, museu pra que, que eu vou no museu? ou então qual é o ditado meu Deus... é... Ah, eu não sou museu não sou museu pra querer guardar coisas velhas alguma coisa assim não lembro. Então só isso dá em nota a ignorância né? Da pessoa, porque se ela tivesse entrado em contato, se ela tivesse entendido que os museus eles contam a nossa história e fazem parte né? Do nosso passado que está ali tudo registrado, a nossa história, o nosso imaginário coletivo está tudo nos museus, sabe? Nos museus existem coisas belas, coisas feias e coisas extraordinárias, né? E que fazem parte da nossa construção como sociedade, como humanidade. E as pessoas não entendem isso justamente porque elas não foram educadas para isso. Por isso é importante trabalhar com essa questão desde a infância. E eu acho que deveria ser obrigatório. E é isso. As pessoas não gostam de museus porque sei lá, porque elas não gostam simplesmente, porque elas não tiveram educação no repertório delas, elas não tiveram oportunidade de visitar esses espaços.